

# TERAPI SURGA

## Espírito Ramatis

Através do médium Fabio Bento

[www.mediumfabiobento.com.br](http://www.mediumfabiobento.com.br)

**Esta obra está registrada no Escritório de Direitos Autorais e o responsável pelo registro cede gratuitamente os direitos para veiculação através do site [www.mediumfabiobento.com.br](http://www.mediumfabiobento.com.br).**

**A divulgação, compartilhamento e tradução desta obra são livres e gratuitos, respeitada a sua integridade e não permitida sua comercialização.**

## Sumário

Introdução de Ramatis.....	Pág. 04
Introdução à Terapi Surga.....	Pág. 07
Corpos Espirituais, o Intercâmbio entre Eles e Como Influenciam as Ações Físicas.....	Pág. 24
Prevenção de Doenças e Processos Saudáveis Para Bem-Estar e Progresso Espiritual.....	Pág. 63
Bolhas Energéticas: O Que São e Como Influenciam a Personalidade Encarnada.....	Pág. 90
Induções Espirituais: Aceitando e Repelindo Pensamentos.....	Pág. 111
Filosofias Espirituais Enquanto Falsos Profetas.....	Pág. 120
Princípios de Cura e Regeneração.....	Pág. 130
O Poder da Consciência Coletiva Para o Indivíduo.....	Pág. 161
Considerações Finais.....	Pág. 168

## **Introdução de Ramatis**

Há mais de 3.000 anos na região hoje conhecida como Indonésia, havia povos de costumes tribais, todavia deveras evoluídos em conhecimentos práticos necessários para a subsistência. O rol de conhecimentos abrangia áreas como matemática, arquitetura e medicina. Logicamente, as premissas para tais áreas de conhecimento eram muito distintas das conhecidas atualmente, em parte devido ao processo de ocidentalização de muitas práticas, de apagamento sistemático de outras, além da inegável e proposital destruição das origens de tantas outras práticas e conhecimentos do mundo antigo, não somente do asiático, mas igualmente do africano.

Terapi Surga é uma adaptação cultural para a expressão que, livremente, traduzimos como “Terapia do Céu”. Esta expressão conceituava uma prática medicinal de cura e prevenção de doenças, sendo vinculada em menor parte à religiosidade presente à época no local. Apesar de alguma associação com as questões religiosas, Terapi Surga era percebida extremamente como medicinal.

Durante séculos, devido à transmissão de conhecimentos via oralidade, a prática da Terapi Surga foi difundida e, em dado contexto histórico, tida como única fonte de cura, onde os rituais de pajés e majés eram auxiliares aos seus.

Alguns registros puderam ser feitos, através de pinturas rupestres e, posteriormente, em placas de madeira e ossos. Neste segundo momento, iniciou-se a preocupação em registrar os conhecimentos tidos como mais preciosos, entre eles a Terapi Surga. De alguma maneira, a única placa com registro a respeito desta prática foi levada para a Europa já na idade moderna, onde foi perdida antes que pudesse ser traduzida. Sua existência jamais foi admitida em inventários de espólios e aquisições pertinentes a colonizações e excursões.

Sua prática foi se perdendo devido a batalhas que matavam os povos que a seguiam, sem que o conhecimento integral pudesse ser passado da melhor maneira. Isso fez com que a essência da prática fosse aos poucos sendo alterada por passos menos efetivos, com isso diminuindo sua eficácia. Este fator foi determinante para seu gradual desaparecimento.

O objetivo deste livro é homenagear estes povos tão sábios e tão humildes que canalizaram a Terapi diretamente da espiritualidade e a traduziram para seus semelhantes. Além da justa homenagem, o intuito também é de prestar os devidos registros das práticas adotadas como medicinais por tantos séculos.

Neste livro, resgataremos a essência da prática de cura e prevenção de doenças, sem que os ritos tribais sejam abordados.

Salientamos que a Terapi Surga possui validade ainda hoje, mesmo com todo aparato tecnológico de engenharia clínica para diagnóstico e prevenção.

Traremos conhecimentos que, compilados, podem ser inéditos, mas que, certamente, são conhecidos pelo consenso, seja através de estudos espiritualizados, esotéricos ou mesmo de cunho histórico.

Em tempos de transição planetária, nenhuma verdade pode mais ser deixada debaixo do alqueire.

Paz e Luz  
Irmão Ramatis

Rio de Janeiro, 13 de agosto de 2024

## **Introdução à Terapi Surga**

Este livro não é um tratado tecendo orientações, à semelhança de um manual de instruções, para obtenção de cura fora dos círculos médicos convencionais terrenos. Indubitavelmente, por outro lado, fornece material suficiente para que as prevenções e mesmo as curas, possam acontecer.

Como explicado anteriormente, não iremos nos deter em aspectos dos ritos antigos, pois assim como as religiões modernas, também eram carregados de simbologia, mística e dogmas. De maneira oposta, nos concentraremos na essência da prática, essa sim, atemporal, portanto válida e aplicável na atualidade.

Os conceitos da prática da Terapi Surga são absolutamente atuais e podem ser aplicados por qualquer pessoa que tenha boa-fé, vontade sincera em seus atos e predisposição à crença dos corpos espirituais, sendo seus princípios de simples entendimento e aplicabilidade.

A certeza com a qual dizemos que todos que desejem podem praticar a Terapi Surga parte do entendimento de que somos seres pensantes e sujeitos a motivações externas. Os pensamentos nos conectam a outros seres, a sentimentos e sensações, podendo nos conectar a situações e vivências alheias a nós mesmos, como fossem reais em nossas próprias experiências.

Excedendo a isso, os pensamentos podem criar situações, materializando cenários que apenas existiam em nossas mentes. Os pensamentos podem atrair e repelir pessoas; podem gerar ações e maneiras de reagir a determinadas circunstâncias; podem produzir realidades a partir da simples vontade. Mas nada é instantâneo. É um processo que envolve perseverança e fé, pois abrange vários corpos que compõem o ser, conhecidos como espirituais, astrais ou tantas outras denominações que servem apenas como referencial para o que de fato são.

O corpo físico é apenas um painel que manifesta as resoluções dos demais corpos.

Tudo que apresentamos no físico pode se originar no corpo mental, no causal ou no etérico ou perispiritual, sendo esta última nomenclatura dependente do ponto de vista pelo qual é observado, espírita ou esotérica.

As resoluções originadas no corpo mental são pertinentes aos pensamentos que produzimos, que podem ser próprios ou sugeridos via indução. As originadas no corpo causal são relativas a energias associadas a vivências de outras encarnações, as chamadas bolhas energéticas. E as originadas no corpo etérico ou perispiritual também são relacionadas a vidas passadas, mas os traumas estão gravados no perispírito de forma a moldar o espírito e, por consequência, influenciar o físico.



Como é possível concluir, encarnações anteriores podem ser as causas de situações atuais e mesmo de doenças que possam se manifestar precoce ou tardiamente.

Entretanto, não são apenas os acontecimentos relacionados a vidas passadas que impactam no corpo físico. Os pensamentos da atual existência são os mais determinantes para gerar situações e produzir efeitos neste, visto o corpo mental, que pode ser entendido como o organizador de pensamentos, ter intercâmbio mais próximo aos corpos etérico e astral, que mantém proximidade com o físico.

O corpo etérico pode ter impressões de vidas passadas gravadas no perispírito, mas um pensamento criado com o cérebro da atual existência pode gerar mais força de maneira a produzir um efeito no corpo físico mais rapidamente. Ao passo que uma gravação perispiritual pode promover ou não um pensamento no corpo mental, podendo ser manifestada ou não no corpo físico da atual encarnação.

Os corpos se comunicam e trocam informações o tempo todo. De maneira que um pensamento gerado em uma encarnação pode promover um efeito no corpo físico apenas na próxima vida na matéria. Um caminho de pensamentos nocivos percorrido por determinado tempo, precisa do mesmo tempo e esforço para ser corrigido.

Entendemos que as resoluções que se manifestam no corpo físico podem ter várias origens em outros corpos e que todos eles se comunicam e trocam informações. A partir disso, podemos começar a perceber os caminhos que os pensamentos percorrem através dos corpos.

É sabido sobre a lei de retorno, sobre causa e efeito, ação e reação, sobre leis de atração. Quando um pensamento é produzido, a mente é como um polo emissor, transmitindo dados em ondas que percorrem determinado espaço, de acordo com sua força e retorna para o centro de emissão. Mas ao retornar, traz consigo energias afins, pois cada pensamento produz energia. Significa dizer que a energia produzida por um pensamento se associa a outras energias similares no espaço percorrido de ida e retorno ao ponto de partida. Ou seja, quando a energia liberada pelo pensamento retorna, não está sozinha, carrega consigo outras tantas energias semelhantes. Aquele pensamento ganhou mais força devido às associações. Mas essa é apenas uma forma simples de explicar o que acontece.

Imaginem a produção de pensamentos tendo o cérebro físico como origem. O pensamento é gerado e inicia sua jornada de maneira vertical pelos demais corpos do ser.

A energia liberada por aquele pensamento sai do corpo físico e estabelece conexão, ainda vertical, com o corpo etérico ou perispiritual, onde verifica

as impressões já registradas neste corpo pertinentes àquele pensamento. Significa dizer que a energia busca realizar conexão, como explicado acima, especialmente através das leis de atração, mas não apenas assim. Ou seja, se o pensamento produzido é relativo ao medo em contrair doenças originadas por picadas de insetos, a energia liberada por ele está carregada destas impressões. Mas não apenas do medo destas doenças em particular, também de doenças em geral, de insetos, de doenças sanguíneas e, do receio maior, o temor da morte.

Isto significa que a energia se expande, não se limitando ao receio original. Ou seja, se desdobra em ramificações a partir do temor inicial. Quanto maior for o receio de contrair doenças causadas por picadas de insetos, maior será a energia liberada, maior será sua expansão, maior será o espaço percorrido e mais associações poderá fazer.

Continuando o exemplo, portanto, quando inicia o intercâmbio com o corpo etérico, essa energia ramificada em receios desdobrados a partir do medo original, busca nas gravações perispirituais energias pertinentes a tais receios: de contrair doenças causadas por picada de inseto; de contrair doenças sanguíneas; de contrair doenças em geral; de insetos e de morte, apenas para ser simplório na explicação.

No perispírito constam impressões que podem ter se originado em vidas passadas. Caso em

qualquer uma dessas existências anteriores algo relacionado a insetos, sangue, doenças mortais, causou algum trauma e ainda não foi resolvido, há uma gravação no perispírito análogo a ele. Neste caso, a energia liberada pelo pensamento produzido no corpo físico irá se associar a esta gravação, que também libera energia. Sendo o trauma oriundo de uma experiência do próprio espírito, a associação é imediata e com força compatível à energia do pensamento original. Esta é a primeira conexão, ainda de maneira vertical.

No corpo astral, o intercâmbio já é feito a partir da combinação da energia liberada pelo pensamento original associada à energia encontrada no corpo etérico. Ou seja, com potência amplificada em relação a seu início e ainda não foram realizadas conexões externas ao ser. O corpo astral, podendo ser entendido como alma ou espírito, guarda registros da atual existência e se aproxima com maior facilidade das gravações do perispírito. Como a energia que chega neste corpo já está adicionada das conexões realizadas no etérico, o espírito apenas confirma os desejos e receios gerados a partir do corpo físico, confrontando-os com os registros perispirituais, como em uma espécie de auditoria, validando a energia que recebeu. Acontece que esta validação também libera energia, como uma chancela, e a energia original permanece seguindo verticalmente sua jornada, agora ainda mais forte, acrescida da energia da ratificação astral.

Ao atingir o corpo mental, a energia dobra sua potência, porque o pensamento surgido no cérebro físico, na verdade, teve sua origem neste corpo, como explicado anteriormente. O retorno da energia liberada pelo pensamento originado no corpo mental, acrescida de energias dos corpos etérico e astral, criam uma espécie de início de materialização do pensamento, pois este já percorreu etapas e ganhou força e ramificações. O corpo mental realiza esta verificação, como uma segunda auditoria, por isso a chancela desta etapa dobra sua potência energética.

Depois de seguir verticalmente para o corpo causal, a energia busca ali realizar associações com as chamadas bolhas energéticas ou cargas energéticas anexas, como nosso estimado colega, o Dr. Abraham Arden Brill nos explica em seu livro “Psicologia Junguiana Sob o Olhar Espiritual Aprofundado”. Recomendamos que os leitores tomem contato com tal conceito, caso este ainda lhes seja desconhecido. Contudo, parcamente explicando, as bolhas são experiências de outras vidas, mas que ultrapassam o ponto de traumas, adquirindo força como fossem seres anexos ao espírito, que podem ser facilmente confundidos e entendidos por obsessores. Em aplicação podem vir a ser, contudo, não serão a partir do conceito de obsessão prever a existência de um ser à parte do espírito obsediado. No caso das bolhas, o suposto obsessor não é um ser à parte e, sim, um ser gerado a partir das próprias vivências do espírito em

existências anteriores. Uma bolha ou carga energética anexa *“é um aglomerado de informações pretéritas carregadas de emoções fortes e intensamente significativas para o indivíduo”*. (Brill, 2014).

A partir do entendimento do conceito de bolha energética, podemos seguir indicando que tais cargas energéticas são anexadas no corpo causal. Da mesma maneira que a energia liberada pelo pensamento buscou conexões no corpo etérico e nos corpos citados anteriormente, irá buscar associações no corpo causal. Significa dizer que, seguindo o exemplo do medo de picadas causadas por insetos, caso o indivíduo carregue em si bolhas relacionadas a experiências significativamente relevantes e pertinentes a sangue, insetos, medo de contrair doenças, as conexões serão feitas. Ou seja, experiências de outras vidas irão influenciar na jornada de pensamentos atuais. Neste caso, como uma obsessão, de maneira a parecer um espírito à parte. Podendo, inclusive, vir a se manifestar em casas espíritas como ser independente do indivíduo que o carrega. Isto é muito sério e precisa ser encarado como tal.

Após a jornada vertical da energia liberada pelo pensamento, se inicia o percurso horizontal através do intercâmbio realizado no corpo búdico. Pobrementemente falando, este corpo se caracteriza por seu vínculo com tempo e sabedoria. Mas a uma sabedoria universal. Não apenas à sabedoria que o

indivíduo angariou em suas existências, mas à sabedoria da humanidade. Aqui podemos citar outro termo de nosso colega, Dr. Arden Brill, que se conceitua como consciência coletiva.

Neste trecho, podemos sugerir a leitura da mensagem intitulada “Evolução da Consciência Coletiva”, contida na coletânea “Transcendendo as Estrelas” e de autoria de nosso supracitado colega. Além, claro, de fortemente recomendar a leitura de “Psicologia Junguiana Sob o Olhar Espiritual Aprofundado”, de mesmo autor. Dedicaremos um capítulo nesta obra para nos aprofundarmos um pouco no conceito de consciência coletiva. No entanto, podemos apontar sua relação com o conceito de inconsciente coletivo astral, também abordado e explicado na obra do Dr. Brill citada neste parágrafo.

É possível seguir a leitura aqui mesmo sem o total entendimento dos conceitos citados. Contudo recomendamos o estreitamento com estes.

Seguindo com o exemplo, ao chegar no corpo búdico, a energia liberada pelo pensamento, estendida, desdobrada e acrescida das energias angariadas nos primeiros corpos, continua tentando conexões. Mas diferentemente dos corpos anteriores, quando a busca era interna ou vertical, neste, a busca será externa e horizontal. O intercâmbio com o corpo búdico irá proporcionar a busca de conexões em qualquer lugar em que

existam correlações com receio de picada de inseto, de contrair doenças sanguíneas ou de qualquer tipo, medo de insetos e da morte, por simplesmente dizer.

A energia se expandirá do ser a partir do corpo búdico, como uma explosão proporcional à força adquirida na jornada vertical e, especialmente, à força do pensamento original. O ser funciona como um polo emissor energético, liberando toda essa energia como uma bomba que se expande enquanto tiver força para avançar e recua ao centro quando sua potência não for mais suficiente para progredir. Nesta jornada horizontal, a energia produzida por todos os corpos por onde passou, busca realizar conexões com forças afins, potencializando sua capacidade. Não há limites para conexões no espaço em que percorre, visto que o material de busca engloba toda humanidade.

Ao retornar de sua jornada horizontal ao corpo búdico, a energia se associou a milhares ou milhões de outras similares, se potencializando a casas inimagináveis, utilizando-se para tanto, das leis citadas de atração, causa e efeito, entre outras bastante conhecidas e que podem ser aplicadas neste contexto para melhor entendimento das explicações.

De volta ao corpo búdico e potencializada ao máximo que sua força de expansão permitiu, a energia segue jornada para o intercâmbio com o



corpo átmico, corpo que pode ser pobremente entendido como receptáculo da essência divina que cada ser contém.

No corpo átmico, a jornada não é vertical nem horizontal. Ela nem deveria ser nomeada, mas em prol da boa explicação e do consequente entendimento, podemos supor que a jornada no corpo átmico seja cíclica, pois envolve a participação da centelha divina e esta, não pode ser orientada por alguma direção ou condição de movimento. A centelha divina em nós não vai para direita ou esquerda, para cima ou para baixo, para dentro ou para fora. A centelha divina é e está. Ela gira em si mesma e esta ação contém todos os movimentos ao mesmo tempo que não contém. Esta ação a faz estar em todos os lugares ao mesmo tempo em que não está.

E o intercâmbio feito no átmico de toda essa energia que foi liberada pelo pensamento inicial, representa a validação suprema do desejo expresso do indivíduo. Afinal, a energia se expandiu, se desdobrou em ramificações, fez associações no etérico, foi validada no astral e revalidada no mental, fez novas conexões no causal e explodiu em conexões externas onde pôde alcançar no universo, no corpo búdico. O intercâmbio da energia no corpo átmico é como Deus respondendo nossas súplicas em forma de pensamento.

É o conceito do “pedi e obtereis”.

Neste caso, o receio em ser picado por insetos foi a motivação. Mas o que Deus responderá?

Ele enviará uma praga de gafanhotos ou repelentes suficientes para várias encarnações? Depende do pensamento original e da consequente energia liberada por ele. Citamos que o pensamento original era relacionado ao medo em contrair doenças causadas por picadas de insetos. Era um medo como uma prevenção natural ou um medo como um terror que não permite um minuto de sossego em lugares que possam ou não ter insetos?

Qual o sentimento que habitou o pensamento original? Foi como um instinto de preservação ou como um medo infundado de tudo e qualquer coisa? Se eu não vou ao mar, ter medo de baleias não se explica. Um medo de insetos é plausível? Sim. Mas em que nível? Será um medo racional ou histérico? Voltamos à pergunta: qual sentimento animou o pensamento original?

Este sentimento é quem vai ditar as buscas na jornada da energia. Se foi um medo racional, relacionado à sobrevivência, algo natural — uma vez que picadas de insetos podem matar —, o sentimento é de preservação, portanto sóbrio, justificável e amoroso.

Mas se o sentimento foi irracional, motivado por receios infundados, baseados em experiências alheias, no que o indivíduo ouvir falar e se

amedrontou, o sentimento é de pânico, medo e histérico, portanto desequilibrado.

A energia fará conexões em sua jornada de acordo com o sentimento que animou o pensamento original. Esta verificação será realizada no corpo átmico — como um juízo —, e uma resolução será criada. Após isso, a energia já resoluta devido à sua jornada até o átmico e tendo sido verificada e julgada nele, inicia o caminho de volta até o corpo físico, onde as resoluções pertinentes a toda jornada serão manifestadas.

Narramos de forma muito simples, a jornada que as energias associadas a pensamentos fazem, tendo como base o exemplo para medo de contrair doenças causadas por picadas de insetos. Esta é apenas uma breve ilustração que precisa servir como introdução ao maior entendimento da Terapi Surga.

Esta ilustração serve para salientar a força dos pensamentos e suas conexões. Serve, ainda, para sinalizar o trânsito constante de energias por todos os corpos que compõem o ser. Demonstra também, que as intenções ao pensar, assim como suas motivações, possuem papel decisivo no intercâmbio com o corpo átmico. Em última análise, ilustra que um pensamento pode parecer esquecido pelo cérebro físico, mas na impossibilidade em ser apagado, segue uma jornada e retorna ao consciente, de uma maneira ou

outra, pouco ou muito tempo depois de sua geração. Mas apenas os pensamentos são capazes de iniciar a realização dessa jornada?

Evidentemente não. Ações, palavras, egrégoras, sentimentos, emoções, vínculos com outros seres, encarnados ou desencarnados, também geram energia que seguem a mesma jornada, da mesma maneira. Talvez quando se pense em associação vibracional, imediatamente se imagine que as atitudes e as palavras sejam as formas mais poderosas para geração de energia. De fato. Mas, ainda considerando esta hipótese, talvez o pensamento seja considerado forte, mas fique em segundo plano em relação a ser um dínamo.

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no capítulo VIII, há um trecho que cita o pecado por pensamentos, falando especificamente sobre adultério. Quando um encarnado imagina algo desta categoria, imagina uma ação. Mas na passagem de Mateus deste item, Jesus nos ensina que, ao olhar com mau desejo para uma mulher, já se fez o adultério. Significa dizer que a ação, o ato do adultério tem a mesma capacidade geradora de energia que um pensamento.

Isto exposto, podemos entender que todas as associações feitas pelo indivíduo, assim como seus atos, palavras e pensamentos, de qualquer categoria que seja, são geradoras de energia. Energia esta, que fará a jornada pelos corpos do ser.

Um pensamento sarcástico ou malicioso, aparentemente inocente e que pode provocar risos internos, é potencialmente gerador de energia; entrar em algum ambiente onde as pessoas estão reclamando de algo e passar a reclamar também, é associar-se àquela egrégora que se formou no local, ação potencialmente geradora de energia; estar sempre na companhia de pessoas invejosas com baixa vibração e sentir-se bem, é associar-se àquela egrégora, ação igualmente geradora de energia.

Não nos disse Jesus, diga-me com quem andas e te direi quem és? Porque nos associamos energeticamente com o outro, de maneira a estar na mesma faixa vibracional. Mesmo sendo pessoas diferentes na aparência e na superficial análise, somos iguais na energia e nas egrégoras onde nos alimentamos.

Ao passo que, se não nos associarmos energeticamente, podemos frequentar os mesmos ambientes e não estaremos na faixa vibracional, sendo distintos e estando protegidos de jornadas de energias mal direcionadas pelos corpos. Caso alguém entre no ambiente onde todos estão reclamando e não reclame, não vibre igual, mesmo sem dizer nada, que, ao contrário, entenda o que se passa e tenha compaixão, compreensão, empatia pelo próximo ou pela situação, não irá se associar e, inversamente proporcional, irá gerar energia saudável e produtiva.

O Senhor nos protege. Porque ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum.

Mesmo andando no vale das sombras, da morte, das mais terríveis trevas, se eu estiver em faixa de vibração diferente, não me associarei às energias do local. Com isso, não emanarei energias nocivas para meus corpos, ao contrário, gerarei energias salutares que farão a jornada buscando paz e regeneração.

Como já é possível perceber, a produção de energias pode ser a partir de boas sintonias, boas associações energéticas, boas palavras, ações e pensamentos. A jornada da energia pelos corpos que compõem o ser pode ser restauradora. Mas não somente pode visar regenerar algo que se corrompeu. Pode ter como objetivo criar algo totalmente novo, saudável e benéfico.

Pensando em saúde do corpo físico, o tema central deste livro, já entendemos ser possível gerar energia para regenerar, curar, restaurar, assim como é possível gerar energia para manter e fortalecer. Sendo igualmente possível gerar energia para que existam condições de algo novo ser realizado a partir de condições físicas adequadas.

Tudo começa no pensamento. Mesmo para as ações, é preciso antes pensar. As doenças e as curas começam no pensamento. A postura diante à vida é

fator decisivo para que o corpo físico, o painel que manifesta as resoluções dos corpos que compõem o ser, seja saudável ou doente.

A Terapi Surga parte do princípio da geração de energia pelo ser e pela jornada que esta faz pelos corpos.

Logicamente os termos não eram esses, mas a essência, o conceito, sempre foi que o indivíduo causa sua doença e promove sua cura. Os praticantes da Terapi Surga sempre acreditaram que o indivíduo é responsável por seu corpo físico, portanto, tudo o que acontece com ele parte de um desejo manifestado internamente ou externamente. Se portanto, alguém adoeceu, significa que desejou a doença de alguma maneira. Caso tenha se curado, é porque desejou ainda mais fortemente. E caso tenha sucumbido à doença, é porque desejou a morte por ouvir o chamado de Surga.

## **Corpos Espirituais, o Intercâmbio Entre Eles e Como Influenciam as Ações Físicas**

No capítulo introdutório deste livro, descrevemos de maneira simples e resumida, a jornada energética realizada a partir de um pensamento. Citamos os corpos que compõem o ser e, brevemente, como se comunicam. Neste capítulo, objetivamos esmiuçar dentro do que nos seja possível, o intercâmbio energético entre os corpos e como o retorno das resoluções destes impactam no corpo físico.

O primeiro entendimento mais importante a se ter claro, é que os pensamentos que o indivíduo tem hoje são frutos de suas vinculações energéticas a egrégoras e a outros indivíduos ou grupos; assim como de suas ações, palavras e de outros pensamentos anteriores.

O cérebro físico também pode ser entendido como um posto fronteiro que recebe informações — os pensamentos —, as ordena e distribui. O cérebro recebe tais informações da mente consciente, movimento gerador de energia, e esta inicia a jornada pelos corpos. Ou as recebe do corpo mental em forma de energia, quando na volta da jornada. Neste caso, o cérebro pode encaminhar as resoluções para o consciente ou para o inconsciente do indivíduo, dependendo de vários



fatores, entre eles, as crenças do indivíduo sobre o assunto e o volume de informações a respeito, atualmente em circulação em seu cérebro. Significa dizer, que enquanto estivermos nos vinculando aos mesmos círculos sociais, interagindo através dos mesmos entendimentos, vinculados nas mesmas fontes de conhecimento, sem a premissa para obtenção de novos pontos de vista, os pensamentos se repetirão, as ideias estarão sempre dentro do mesmo rol, e as soluções para a vida serão sempre iguais ou desdobramentos pobres do entendimento original.

Isso porque o trânsito de pensamentos pelos corpos será sempre a partir dos mesmos pontos de vista, sem alterações significativas. Para ter pensamentos diferentes amanhã, preciso pensar diferente hoje.

Imagine que você esteja alimentando seu corpo físico com gorduras, frituras, carboidratos, refrigerantes, doces, com poucas frutas e legumes, estando há um ano nesta dieta e sem fazer exercícios físicos. Caso você realize um exame de sangue, como um hemograma completo, suas taxas sanguíneas estarão desreguladas. Muitas delas estarão altas e outras baixas, quando deveriam estar com números mais elevados. Para que você as altere, precisa rever a alimentação e os hábitos físicos. E isso levará tempo praticamente proporcional ao que manteve hábitos nocivos à saúde, pois as taxas não irão mudar nos primeiros

meses. Isso se deve ao fato do que já está circulando no sangue ser resultado dos hábitos anteriores. Para ter taxas diferentes em 3 ou 4 meses é preciso mudar de hábitos agora, enviando “informações” diferentes desde já.

Da mesma maneira funciona o trânsito de energias nos corpos. Todas elas são resultados de hábitos, que incluem leitura ou a falta dela, pessoas às quais nos vinculamos, emoções, sentimentos, ações, egrégoras vinculadas à alimentação e ao social, rol de interesses como músicas e vídeos, entre tantos outros. O cérebro físico está registrando todas essas informações. À semelhança de um algoritmo, as resoluções do intercâmbio pelos corpos retornarão ao cérebro baseadas em todas essas experiências e com maior força, como explicado no primeiro capítulo. Os pensamentos de hoje são resultantes das ações e interesses de ontem. Nós ensinamos aos corpos o que desejamos através de toda nossa experiência na vida e o que retorna é fruto do que fizemos e nos associamos energeticamente.

Essa é a premissa que se precisa ter: Não teremos pensamentos diferentes nos movimentando pela vida através dos mesmos hábitos e interesses. Ou seja, a mudança na linha de pensamento vai depender diretamente do que fazemos.

Enquanto encarnados, nossos primeiros pensamentos foram motivados por estímulos

externos, basta partir desta lógica para compreender melhor o conceito.

Os pensamentos que temos em nosso cérebro físico foram originados no corpo mental, que, por sua vez, anteriormente recebeu energias compatíveis do mesmo cérebro físico. É um processo circular, imagem comumente encontrada em textos orientais antigos. O conceito circular para explicar nossas jornadas é amplamente usado, inclusive, para ilustrar o caminho para Deus, saindo primeiramente dele e realizando a “volta” para obtenção de conhecimentos que nos levem ao ponto de partida, mas alterados pelas experiências.

Não ao acaso temos o conceito circular nas explicações da prática da Terapi Surga. A ideia de circularidade permeia o imaginário da humanidade na Terra, porque é uma ilustração mais fácil de ser entendida dentro do que se pretende explicar com os conhecimentos e possibilidades didáticas disponíveis. No capítulo anterior, dissemos que a jornada da energia pelos corpos pode ser vertical e horizontal, mas poderia ser entendida como cíclica no corpo átmico, embora tenhamos dito, linhas abaixo, que a centelha divina não pode ser orientada por alguma direção ou condição de movimento. Não há contradição se entendermos que a ideia de circularidade é apenas uma referência para tentarmos captar uma ação ou um processo, o qual ainda não é possível de ser totalmente compreendido pela mente humana. Ou

seja, o conceito circular é um dos mais eficientes para explanar sobre questões sutis do ser. Isso porque a concepção do retorno ao ponto de partida, mas com adição de novas percepções, energias ou conhecimentos, sendo, portanto, algo melhorado ou diferente do inicial, é recorrente nas atividades metafísicas. Desta maneira circular, temos o movimento energético na Terapi Surga.

Tendo este conceito bem compreendido, podemos avançar.

Dissemos também no capítulo de introdução, que o intercâmbio energético feito no corpo átmico representa a validação suprema do desejo expresso em pensamento, como o conceito de “pedi e obtereis”. Nosso irmão Jesus nos ensina através do evangelho de Mateus que, quando formos orar, que entremos para nossos quartos e tranquemos as portas, para orar em secreto, somente assim será nos dada a recompensa, em detrimento aos hipócritas que oram publicamente para serem vistos nesta atividade. Orar em secreto significa ter nossas melhores práticas e direcionamentos fluindo intimamente por nossos corpos sutis, em nosso quarto, a portas fechadas. Em secreto, “trancados” em nossa mente, abrimos espaço para nossas verdades, nossos desejos e aspirações mais profundas, sendo honestos com nossas capacidades e interesses e, finalmente, honestos com o Divino. De maneira que a força desses pensamentos produzirá energias capazes de realizar conexões

distantes ou profundas e retornar para nós com capacidade transformadora, mesmo que inicial.

Ao passo que, orando em público para sermos vistos, significa ter palavras e ações vazias, consequentemente, sem força suficiente para cumprir uma jornada energética satisfatória e com condições de mudar nosso futuro.

Ser honestos com o Divino é uma premissa, visto que Deus já conhece nossas necessidades, como também explicado no evangelho de Mateus, quando Jesus nos explica sobre a inutilidade da multiplicidade das palavras na prece. Como Deus já conhece nossos interesses e necessidades? Porque esses interesses e necessidades saíram de Sua centelha em nós, no átmico, e voltou ao cérebro físico, através do corpo mental. Por isso, quando somos honestos com nossas capacidades e sentimentos, estamos confirmando o recebimento da mensagem que saiu do átmico, de Deus em nós, e reforçando nossos interesses naquela mudança, naquela direção, em um movimento circular. Portanto, não é preciso dizer muito, basta ter o sentimento de reconexão ao que já existia anteriormente para validar e revalidar as aspirações, sendo assim, obviamente Deus já sabe, porque Sua centelha em nós faz parte deste processo cíclico.

Já o evangelho de Marcos nos mostra a explicação de Jesus para a oração pautada em

sentimentos. Ou seja, do pensamento motivado e inspirado pelas emoções. Jesus diz que quando formos orar e tivermos algo contra alguém, devemos primeiramente oferecer perdão a este, para que Deus, nosso Pai, que está nos céus — em Surga —, igualmente nos perdoe a seu turno. E ainda acrescenta que, se não perdoarmos, Deus também não nos perdoará.

Isso se deve ao fato de as energias geradas pelos pensamentos serem impulsionadas e direcionadas pelos sentimentos que estão contidos nestes mesmos pensamentos. Recordam-se do exemplo do capítulo anterior? O medo de picadas de insetos era racional, como um instinto de preservação ou histérico, como um receio infundado? Qual sentimento habitava o pensamento?

Obviamente, se quero obter perdão por algo, preciso ter primeiramente o sentimento de perdão. Pois, uma vez sendo o processo cíclico, o perdão jamais chegará no físico, pois não será transmitido ao átmico, uma vez que nunca existiu no indivíduo, pois não há energia compatível transitando pelos corpos que compõem o ser. Portanto, para receber perdão do Pai, é preciso ter perdão em si mesmo, para enviar este sentimento na energia gerada pelo pensamento na prece. Pedi e obtereis. Sejamos honestos com o pai, assim como fez o publicano no evangelho de Lucas, quando em oração bateu no peito afirmando ser pecador e pedindo piedade. Ele sabia de suas limitações e pedia oportunidades para

corrigi-las. Desta forma, Deus poderá atender, pois há consonância nas energias que transitam nos corpos sutis. Honestidade nas preces. Honestidade nos pensamentos. A honestidade aqui vai muito além da integridade, aquela que nos faz sermos justos perante os demais. Honestidade na Terapi Surga vai abranger também a verdade sobre si mesmo, sabendo sobre seus limites e necessidades.

Portanto, cientes do processo cíclico e da premissa da honestidade, podemos avançar um pouco mais nas explicações.

Dissemos na introdução que tudo o que se manifesta no corpo físico pode se originar no corpo mental, no causal ou no etérico. Sendo as resoluções originadas no corpo mental, relacionadas aos pensamentos; as resoluções originadas no corpo causal, pertinentes às bolhas energéticas; e as resoluções originadas no corpo etérico, tendo relação com os traumas gravados no perispírito.

Sendo o corpo mental, o organizador de pensamentos, grosso modo dizendo, será ele o responsável pela maior parte das origens das manifestações físicas. No entanto, as bolhas energéticas e as gravações perispirituais também podem originar tais manifestações, mesmo que as energias liberadas também passem pelo corpo mental.

Sabemos que nas resoluções tendo o corpo mental como origem, a energia liberada pelo pensamento pode realizar conexões nos corpos causal e etérico, ou seja, com as bolhas e com as gravações no perispírito. Essas conexões são feitas por similaridade dos conteúdos e emoções dos pensamentos, com isso, a energia produzida inicialmente pelo pensamento será acrescida de energias das bolhas e registros perispirituais, como explicado no capítulo anterior, sem que essas sejam as origens das resoluções futuras que se manifestarão no corpo físico.

No exemplo citado na introdução, o início da jornada energética foi no corpo mental, através da conscientização de um conteúdo no cérebro físico, que resultou em pensamento e, seguindo a verticalização, fluiu pelos corpos até novamente passar pelo mental. Esta é a origem que talvez seja entendida com maior facilidade. Vejamos, então, as demais origens.

Quando a origem das manifestações físicas acontece no corpo causal, significa que uma bolha energética ganhou força o suficiente para impactar na atual existência, sendo ela um aglomerado de informações pretéritas, ou seja, relacionadas a outras vidas. Isto significa que não foi um conteúdo gerado pelo cérebro físico com origem no corpo mental quem buscou a conexão com a bolha. Foram essas cargas energéticas anexas que tiveram



força necessária para produzir energia que pudesse iniciar uma jornada através dos corpos.

Uma bolha energética está relacionada a situações emocionalmente intensas de uma ou mais vidas — evidente que cada vida passada pode ter sua própria bolha —, e que não conseguiram ser resolvidas pelo espírito em vidas posteriores ou mesmo na espiritualidade, enquanto desencarnado. Por isso, todo esse conteúdo emocional forma o que chamamos de cargas energéticas anexas. Como dissemos anteriormente, é como um ser diferente, podendo apresentar personalidade e vocabulário próprios. Sendo, muitas vezes, confundida com espíritos que acompanhem o encarnado, como obsessores, por exemplo.

Mesmo que não exista conteúdo compatível com as bolhas armazenadas no corpo causal sendo produzido mentalmente na atual existência, situações, lugares, proximidade com espíritos conhecidos de outras vidas relacionadas com tais bolhas, condições de vida e temas específicos que podem igualmente remeter a elas, são capazes de atrair os conteúdos das bolhas, de tal forma que seja possível a geração de energia para iniciar uma jornada pelos corpos.

Essa é uma das explicações para algo totalmente inesperado que pode acontecer nas vidas encarnadas. Muitas vezes nos sentimos atraídos por situações, lugares e nos vemos praticando ações e

fazendo escolhas que normalmente não faríamos. Essas manifestações físicas já são resultado da liberação de energia pelas bolhas.

Apesar de parecer algo até mesmo injusto, primeiro é preciso lembrar que se trata de emoções produzidas pelo próprio espírito. Posteriormente, salientamos que, mesmo assemelhando-se a uma obsessão, quando uma bolha se manifesta a ponto de promover impactos no corpo físico, esta é uma excelente oportunidade para que o espírito se resolva com aquelas emoções pretéritas, desatando o nó fluídico de tantas vidas e oportunizando avanços enquanto ser.

Quando a origem das manifestações no físico está no corpo etérico, há mecânica parecida. Pois mesmo que não exista conteúdo relacionado com as gravações perispirituais sendo produzido a partir do corpo mental, é possível que tais gravações ganhem força significativa para gerar energia a partir de eventos ou emoções.

Portanto, antes é preciso entender o que são tais gravações perispirituais.

O termo “perispírito” foi trazido por Allan Kardec quando da confecção de “O Livro dos Espíritos”, traduzido dos espíritos elevados que trabalhavam com ele durante a codificação espírita. É possível afirmar, de maneira simplória, que o perispírito é o laço que liga o espírito ao corpo

físico e sobrevive a morte deste. Por ser a substância mais próxima ao veículo de carne, conserva registrados em si a aparência e demais aspectos físicos adquiridos durante a encarnação.

Por efeito da morte física, o perispírito mantém tais registros e o espírito passa a se movimentar por ele considerando estas gravações, sendo as da existência mais próxima, aquelas que mais lhe impressionam e caracterizam. Quando chega o momento de retorno à carne e o espírito ganha novo corpo físico, os registros perispirituais podem começar a influenciá-lo desde a gestação. Não raro, apenas podem influenciar posteriormente, durante a existência. Ou mesmo podem não encontrar oportunidade para se manifestarem naquela encarnação, permanecendo intactos no perispírito aguardando momentos oportunos no futuros.

Isso significa que as manifestações físicas originadas no corpo etérico também remetem a vidas pretéritas e os registros perispirituais podem impactar o feto em formação durante a gestação, de maneira que tais manifestações físicas tenham início desde o nascimento.

Contudo, este não é o único modo pelo qual as manifestações físicas são originadas no corpo etérico. Como dito anteriormente, é possível que eventos ou emoções da atual existência possam atrair alguns registros de forma que estes gerem

energia necessária para iniciar a jornada pelos corpos.

Muitas vezes, uma deficiência física ou doenças ainda incuráveis pela medicina da Terra, adquiridas durante a existência, tem suas explicações neste processo, quando eventos ou emoções foram significativamente fortes para impactar no conteúdo dos registros perispirituais.

Por exemplo, alguém que tenha sido um torturador na época das inquisições e levou muitos prisioneiros à loucura através de suas práticas e métodos, gerou registros em seu perispírito pertinentes à fraqueza mental e debilidade psíquica. Em existência posterior, tal indivíduo pode ter nascido com todas as faculdades preservadas, contudo, emoções que venha a sentir ligadas a pessoas que possuam condições neuropsíquicas ou transtornos mentais, somando-se por décadas durante sua existência física, de forma a atrair os registros perispirituais relacionados em cada uma dessas oportunidades, consequentemente gerando energia em todas as vezes, realizando várias e várias jornadas pelos corpos, podem levar o corpo físico a manifestar a doença de Alzheimer.

Devido ao conceito de bolhas energéticas ser recente na literatura espírita e ainda pouco difundido, o leitor pode vir a sentir-se confuso quanto a diferença entre situações que conduzam à formação de registros perispirituais ou bolhas

energéticas. Segundo nosso estimado colega, Dr. Arden Brill, para formar-se uma bolha são necessárias emoções fortes e intensamente significativas para o indivíduo. Com isso em mente, podemos concluir que, se o torturador do exemplo acima apenas cumpriu com seu trabalho e torturar alguém até à loucura não foi para ele uma atividade relevante, não se formará uma bolha a partir destes eventos, uma vez que não há emoções fortes e significativas envolvidas. Mas devido à lei de causa e efeito, tudo precisa ser registrado para que manifestações futuras possam dar ao espírito efeitos da causa provocada por ele. Tais registros são realizados no perispírito, assim como todas as questões físicas, como perdas de membros. No exemplo acima, a bolha certamente foi criada no torturado, que entrou com sua mente sã na masmorra, foi levado à loucura e morreu sem, ao menos, ter a consciência do que acontecia. Este indivíduo passou por emoções fortes e intensamente significativas. Além de ser gravado no perispírito, o registro dessas atividades sofridas por ele também é feito em bolhas energéticas.

É importante que o leitor entenda a diferença entre eventos que conduzam a registros perispirituais e formação de bolhas energéticas.

Com o entendimento do processo cíclico, da premissa da honestidade e das origens das manifestações físicas nos corpos mental, causal e etérico, podemos avançar para efetivamente

falarmos do intercâmbio entre os corpos que compõem o ser.

Em todo processo, falamos sobre a geração de energia e que esta, propriamente, é quem realiza a jornada pelos corpos, sendo preciso entender sobre as propriedades e sutilezas destes, com o físico mostrando-se o mais grosseiro de todos. Justamente o veículo que anima o espírito no planeta Terra.

Quanto mais vertical nos direcionarmos em raciocínio para entendermos os corpos, mais etéreo ficarão e menos sujeitos a tudo que nos impressiona o corpo físico. Portanto, uma energia que nos impacta através dos sentidos do físico, pode não servir para impactar aos demais. Em alguns corpos mais, em outros menos. Sabendo que o tipo e qualidade de energia que nos impacta no búdico ou no causal, até mesmo no átmico, muitas vezes nem é percebida pelo físico. Ou seja, o que é uma energia impactante no búdico, pode ser percebida como intuição no corpo físico.

O primeiro conceito a ser considerado é: o que entendemos como energia não é suficiente para compreendermos o conceito da energia que percorre os corpos. A eletricidade, por exemplo, é uma energia considerada primária em relação àquelas que percorrem corpos como o búdico e o átmico. E é por isso que a energia é liberada no pensamento, no cérebro físico, nos corpos mental, causal ou etérico. Uma vez que no cérebro físico

temos condições de interação com as energias primárias, como a eletricidade.

Iniciada a jornada, a energia, como explicado, segue percorrendo os corpos e sendo acrescida de novas energias, se associando a outras. Significa dizer que demais energias se juntam à energia original, formando outra completamente nova. Mas isso apenas foi possível a partir das energias primárias. Quando a energia já altamente modificada chega ao búdico e ao átmico, ela será capaz de influenciá-los e interagir com eles, mas somente porque a energia primária e original aconteceu. E o retorno desta energia até ao cérebro físico, também é um processo de depuração, pois a energia completa que impactou o átmico não pode ser percebida com clareza no físico. As energias secundárias e ainda mais sutis, permanecem nos corpos onde se originaram, sendo armazenadas para direcionamentos futuros, de acordo com as necessidades e possibilidades do ser. Mas esse tema corresponde assunto para um livro inteiro à parte deste. Então, entendam que a energia que conhecemos está apenas no início do processo, sendo necessário outros campos de estudos com abertura de pensamentos e premissas distintas das atuais, para que seja possível conhecê-las.

Apesar do início da jornada energética também ser possível nos corpos causal e etérico, explicaremos a partir da produção do pensamento no cérebro físico. Pois, em verdade, os corpos

causal e etérico podem liberar a energia original e iniciar a jornada pelos corpos, mas é preciso que a consciência seja parte integrante do processo, pois tudo se inicia no pensamento.

Com isso, as energias cumprem as etapas até o cérebro físico e, em momento propício, de acordo com as situações externas, podem irromper na mente consciente, momento próprio do surgimento do pensamento original. Este será o ponto de partida, mesmo que a energia original não seja no corpo mental. O momento da produção do pensamento será sempre o ponto de partida, independente de onde a energia original tenha surgido.

A natureza da energia criada na produção dos pensamentos envolve características elétrica, magnética e química, que são energias primárias, se considerarmos suas capacidades de interação com corpos mais sutis.

Portanto, tivemos nosso pensamento através do cérebro físico, que pode ser uma resposta a uma energia gerada inicialmente nos corpos mental, causal ou etérico. Este pensamento produz energia com características elétricas, químicas e magnéticas. Esta energia inicia a jornada pelos corpos até chegar ao átômico.

Após a saída do corpo físico, a energia direciona-se verticalmente até o corpo etérico, onde



se expande, desdobrando-se em temas relacionados ao pensamento original, conforme explicado anteriormente e, de forma imediata, busca impressões similares à energia expandida.

Ao realizar conexões com os registros perispirituais, tais gravações também liberam energias, ainda com características análogas à energia do pensamento.

Esta interação entre os corpos físico e etérico é feita automaticamente e sem intervalo. Após a produção do pensamento através do cérebro, já em resposta ao estímulo recebido pelo corpo mental, a energia é gerada a partir deste evento. Tal energia imediatamente e sem barreiras ou empecilhos, chega ao corpo etérico, onde é expandida e busca associações com os registros perispirituais. Encontrando-os, realiza as conexões pertinentes.

Portanto, não há dificuldades ou impeditivos para que a energia do pensamento chegue ao corpo etérico, faça conexões e seja acrescida da energia liberada pelos registros perispirituais correlatos.

Após isso, a energia expandida e acrescida pelas energias liberadas nas possíveis conexões com os registros gravados no perispírito, segue jornada verticalmente ao corpo astral. Mesmo acrescida de outras energias, a original não sofre transformação, pois as energias liberadas pelos registros

perispirituais possuem as mesmas características das suas.

A energia resultante da passagem pelo corpo etérico chega ao corpo astral onde a validação dela e, consequentemente do pensamento original é realizada. Em linhas gerais e de maneira muito simplória, podemos considerar o corpo astral como o espírito que anima o corpo físico. Significa dizer que o espírito tem a consciência dos pensamentos gerados no cérebro e dos registros gravados no perispírito. Lembremos do conceito base trazido na codificação espírita, onde o perispírito é a substância que liga o espírito ao corpo. Ou seja, o corpo etérico é a liga entre o corpo físico e o astral, com a comunicação fluindo naturalmente entre eles. Não havendo barreiras na comunicabilidade e existindo esse forte vínculo de existência entre eles, é seguro afirmar que o corpo astral possui acesso aos registros perispirituais e aos pensamentos gerados no cérebro. E por isso é que o corpo astral valida a energia que chega a ele vinda do físico e aumentada no etérico, pois possui domínio sobre as informações. Mas que tipo de validação é esta?

No corpo astral ocorrem as primeiras fortes possibilidades de ganho de potência da energia original. Esta, pode sair do corpo astral ampliada exponencialmente ou apenas acrescida de mais alguma energia. Tudo depende da recorrência do tema, da força do pensamento original e do sentimento que está associado a ele. Ou seja, um

pensamento sobre algo que é rotineiro e nos conforta, nos é simpático e traz felicidade, pode ser gerado com bastante força, pois teremos facilidade para compô-lo devido à intimidade com o assunto.

Mesmo que um pensamento não seja sobre algo que nos traga felicidade imediata, pode ser forte, caso seja rotineiro. Ao passo que pensamentos novos possuem menor força para expansão e conexões e, conseqüentemente, as resoluções oriundas destes, serão menos impactantes no corpo físico. Portanto, irmãos, velhos hábitos possuem mais força que os novos e por isso são tão difíceis de serem substituídos. Neste ponto, já vemos esboçado o princípio da reforma íntima.

Caso tenhamos pensamentos recorrentes sobre preguiça e luxúria, sonhando em conquistar bens materiais com pouco esforço, enviaremos energias muitas vezes ao dia para realização da jornada pelos corpos. A recorrência estará garantida e, certamente, os sentimentos associados ao pensamento serão relativos a posses, recursos financeiros e vida fácil. São sentimentos que não geram energias fortes como outros, altruístas e pautados em amor e caridade, por exemplo. Mas que geram energia com força suficiente para iniciar a jornada. Somando-se aos fatores recorrência e associação de sentimentos, existe a força do pensamento original. Que pode ser maior em certas ocasiões e cenários, variando, portanto. Fatores externos podem instigar os sentidos e causar

emoções extremas no momento da geração do pensamento, de maneira que a energia liberada será mais forte. Mesmo que o sentimento associado não seja nobre, portanto com menor força, somado a uma energia mais forte devido às emoções no momento da geração do pensamento, terá força suficiente para cumprir bem a jornada pelos corpos. E a recorrência fará o trabalho de massificação.

Em muitos casos, observamos irmãos em ciclos parecidos, emanando vibrações e pensamentos desta maneira durante décadas. Muitas vezes, em encarnações inteiras. O processo para reversão pode durar o mesmo período ou até mais. Por esta razão, mudar hábitos é uma tarefa complexa, mas que se inicia nos pensamentos, caso queiramos alterá-los de preguiça e luxúria, para de ação, trabalho, esforço, empenho e simplicidade.

As energias relacionadas a preguiça e luxúria já circulam pelos corpos há anos, com isso, o somatório destas é gigantesco e capaz de sufocar tentativas fracas de mudança com facilidade. Mesmo energias criadas a partir de pensamentos fortes, com grandes intenções, podem sucumbir ao volume de energias relacionadas a preguiça e luxúria. Significa dizer que podemos ter uma epifania e experimentar momentos que nos parecem reveladores e esclarecedores em nossas vidas. Com isso, nossos pensamentos serão fortíssimos voltados à alteração de rumo, mas em pouco tempo, poderemos retornar ao estado

anterior, caso não sejamos perseverantes nas novas condutas, o que não acontecerá se mantivermos os pensamentos relacionados a mudanças. Isso porque o volume de energias pertinentes ao chamado “homem velho” sobrepujou à tentativa de mudança de paradigmas, por mais forte que seja e, sem recorrência, a tentativa até foi forte inicialmente, mas falhou em pouco tempo.

Esta é a validação feita no corpo astral. Caso seja um tema recorrente, será acrescida mais energia com força proporcional à recorrência. Caso o pensamento seja motivado por fortes emoções, associadas a sentimentos nobres, será adicionada energia compatível a isso. O astral é o espírito e conhece nossos desejos e aspirações, portanto, consegue discernir sobre o que chega a ele. Dentro dessas validações, a chancela astral garante mais ou menos força à energia original para a sequência da jornada.

Pensamentos novos ou com baixa recorrência, associados a sentimentos vazios, com pouco propósito, com menor valor comunitário e de baixa convicção, produzirão energias compatíveis a estes. Portanto, menos energia será adicionada no corpo astral, por consequência.

É preciso pensar bem, com constância e através de sentimentos nobres e confiantes em Deus, o princípio de todas as coisas. Somente assim, o

fluxo de energia pelos corpos será saudável e com bons propósitos.

Após a verificação no astral e adicionada de novas energias, portanto, com maior força que originalmente, a energia segue a jornada, agora para o corpo mental, onde dobrará sua potência, pois como já entendemos, este corpo foi o berço do pensamento gerado pelo cérebro físico. De maneira que, retornando ao ponto inicial, a energia cumpre seu primeiro ciclo, transformando-se, pois saiu do corpo mental como uma resolução, fruto de uma jornada anterior em direção ao cérebro e nele se fez pensamento e conseqüente energia.

O início desta, digamos, materialização do pensamento, devido ao retorno ao corpo mental, ponto original, irá dobrar a energia que chegou a ele, entretanto suas características ganharão diferenciações.

A energia química não sofrerá alteração, ao passo que a energia elétrica mutará para um nível acima, ainda desconhecido da ciência na Terra. Coloquialmente, podemos nomeá-la por elétrica mental. De modo análogo, a energia magnética também sofrerá mutação e, como a elétrica, esta nova energia não é conhecida pela ciência vigente na Terra. Vulgarmente, podemos conhecê-la por magnética sutil.

Desta forma, a energia saída do corpo mental dobrou sua potência e mudou em características. Portanto, será composta por energias química, elétrica mental e magnética sutil.

A mutação se deve ao fato da jornada se dar por corpos distintos, com vibrações diversas e campos energéticos substancialmente dissemelhantes. Melhor explicando, a energia elétrica presente na Terra, mesmo em nível mais distante do núcleo, não conseguirá atuar de maneira eficiente em corpos acima do mental, ou seja, causal, búdico e átmico. Isto porque a sutileza destes não é compatível com o modo mais grosseiro da energia na Terra. Para termos de comparação, podemos dizer que a energia elétrica que possibilita que uma lâmpada se acenda na Terra, seria incapaz de reproduzir o mesmo feito a partir das características sutis dos corpos causal, búdico e átmico.

Saída do corpo mental, a energia segue verticalmente ao corpo causal, onde buscará conexões com as bolhas energéticas. O processo de associações às energias das bolhas não ocorre imediatamente, como ocorrido no corpo etérico com os registros perispirituais. Isto porque as bolhas podem causar resistência e o tempo de permanência realizando possíveis conexões será variável.

As bolhas energéticas ou cargas energéticas anexas, em certos casos — como explicado

anteriormente —, podem ser percebidas como seres à parte do indivíduo, inclusive com personalidade característica, podendo ser confundidas com espíritos obsessores. A resistência se origina neste fato, não sendo um incômodo propositalmente criado pela bolha. Mas a natureza da energia da bolha é ainda mais refinado que as características elétrica mental e magnética sutil que compõem a energia recém-saída do corpo mental, isto porque a bolha pode ter migrado por séculos acompanhando o espírito. Quanto maior for o tempo de formação da bolha, maior será a resistência em realizar conexões, pois o tipo de energia do qual a bolha é composta precisou sofrer várias adaptações ao longo do tempo, depurando-se cada vez mais, em processo de sutilização. Tal processo faz com que a energia chegada ao corpo causal necessite sofrer novas alterações, em recurso adaptativo à bolha.

A energia, portanto, precisa adaptar suas características para conseguir acesso à bolha. Quanto mais sutil for a energia desta carga anexada — isso é variável em decorrência de seu tempo de formação —, mais longo será o processo de adaptação das características da energia. Devido à incerteza sobre as condições energéticas das bolhas, a energia que realiza a jornada não poderia chegar ao corpo causal totalmente pronta para realizar as possíveis conexões. Mas foi preparada no corpo mental, mutando suas características para conseguir realizar as adaptações necessárias na aproximação com as bolhas. Em outras palavras, a



mutação que ocorre no corpo mental é o início necessário para que a energia se aproxime da bolha. Significa dizer que as energias elétrica e magnética, como conhecidas na Terra, não conseguiriam realizar tal aproximação e, posteriormente, a adaptação necessária. Mas essa mutação não é suficiente, porque a incerteza sobre as condições energéticas das bolhas obriga que a mutação certa seja feita apenas no contato com estas. Portanto, a mutação no corpo mental é a preparação para a mutação no causal, onde as exigências específicas das bolhas condicionarão as transformações que ocorrerão. E apenas durante a aproximação da energia que realiza a jornada com as bolhas, estas exigências poderão ser percebidas.

Durante o processo de adaptação da energia às características das bolhas, o pensamento original sobre o tema pode sofrer interferências, como variações de força. Estas variações podem ser percebidas conscientemente pelo indivíduo como excitações ou desmotivações sobre o tema, num processo de altos e baixos, como fossem mudanças de opinião a respeito. Isso porque, caso existam assuntos relacionados nas bolhas, a aproximação com o tema será muito forte e causará tais perturbações. Obviamente, tudo depende da potência da energia que realiza a jornada pelos corpos. Quanto maior, mais chances de causar tais perturbações.

Após a constatação de quais variações precisam ser feitas, a energia inicia o processo de mutação, promovida pelo próprio corpo causal, que garante as condições específicas para que isto ocorra. As energias elétrica mental e magnética sutil, enquanto características da energia que realiza a jornada, mutarão para o que podemos nomear como elétrica causal e magnética intensa. São essas características que possibilitarão que as adaptações da energia com as bolhas possam ser realizadas.

A partir deste momento, o processo fica mais rápido, pois existe afinidade entre as energias.

Caso existam experiências relevantes nas bolhas a respeito do tema do pensamento original e seus desdobramentos, as conexões serão feitas. Dessa forma, experiências de vidas passadas liberarão energias que se associarão à energia do pensamento da existência atual. Melhor dizendo, a energia que seguirá a jornada estará adicionada de energias relacionadas com experiências de encarnações anteriores.

Após todas as conexões serem realizadas, a energia segue ao corpo búdico, onde realizará percurso horizontal em busca da realização das vinculações pertinentes. Neste corpo, a maneira como a procura por energias afins e as consequentes conexões são realizadas, diferem em relação aos demais corpos anteriores.

Evidente que nos utilizamos dos conceitos de horizontalização e verticalização apenas na tentativa de ilustrar a forma como as conexões ocorrem. Estas metáforas tentam exprimir que nos corpos etérico, astral, mental e causal, a busca é em si mesmo, portanto, interior. É o ato de “olhar para dentro”. O fluxo de energia é vertical, pois que segue ultrapassando camadas da psique e os corpos mais ligados às experiências íntimas e próprias do indivíduo. Ao passo que no corpo búdico, a horizontalização representa a busca fora, trazendo um sentido de lateralidade. As conexões são feitas com energias relacionadas a experiências de outros, em processo associativo universal. É o ato de “olhar para fora”, para além de si mesmo, em movimento que demonstra nossas experiências tendo eco na humanidade. Tal método aponta a conexão que todos os seres da criação possuem, pois que os mesmos problemas, desafios, capacidades, habilidades e situações que, muitas vezes nos parecem únicos, são encontrados de maneira similar na teia que nos une.

Percebam que a jornada energética pelos corpos, portanto, realiza conexões olhando para “dentro” e para “fora” de nós mesmo. E é no corpo búdico que a busca é além de nossas percepções mais básicas.

A energia que chega ao búdico está muito diferente da energia original, liberada pelo ato do pensamento no cérebro físico, pois se expandiu, ganhou potência e características novas.

No búdico, essa energia se expande com toda sua força acumulada. Força que se construiu desde o pensamento original até as conexões realizadas, especialmente no corpo etérico, com as associações aos registros perispirituais, e no corpo causal, com as associações às bolhas energéticas.

Essa força representa o limite que a energia pode alcançar no universo. Enquanto há força na energia, ela se move como onda saída de um ponto central. Ao perder força, ela se retrai de volta ao polo emissor, o corpo búdico. Nesse processo de ida e consequente retorno, são realizadas conexões com todas as energias afins encontradas em condições análogas. A volta ao corpo búdico torna a energia potencialmente gigantesca com milhões ou milhares de conexões realizadas.

Desta forma, a energia está preparada para seguir ao corpo átomico, a última parada antes da volta ao físico. Contudo, a energia acumulada está no limite das condições que suas características podem fornecer. Mesmo potencializada por milhões de conexões, ela ainda pode ser suportada pelo corpo búdico. Mas o corpo átomico é mais sutil e a energia precisa sofrer novas mutações, depurando-se, para conseguir acesso a ele. Significa dizer que no caminho do búdico ao átomico, a energia muda suas características elétrica e magnética.

A energia que começou a jornada sendo elétrica, mudou para elétrica mental e, posteriormente, para elétrica causal, no caminho do búdico ao átmico, mutará para supra elétrica.

De maneira similar, a energia que começou magnética, mudou para magnética sutil e depois para magnética intensa, neste mesmo percurso, assumirá a mutação para supra magnética.

Estas características podem ser suportadas pelo átmico. Desta maneira, após a completa mutação, cujo tempo pode variar — mas sem atraso significativo na jornada —, finalmente a energia chega ao corpo átmico, onde, de fato, a validação de todo o processo poderá ocorrer.

No capítulo anterior, dissertamos um pouco a respeito do que acontece no corpo átmico e como a energia se movimenta por ele. Agora, procuraremos transmitir a intensidade como tudo ocorre. Não há mais conexões a serem feitas, bastando apenas a realização da validação suprema, antes do início da jornada da energia de volta ao cérebro.

Não há contagem de tempo similar à da Terra no corpo átmico. Pois ele é como um território sagrado, como um consulado em país estrangeiro, regido por sua própria legislação. Se fôssemos considerar o fator tempo terreno, a presença da energia no corpo átmico seria menor que um segundo. Mas o que podemos dizer é que a energia

está e não está no corpo átomico ao mesmo tempo. É nele que a última energia envolvida acontece: a energia quântica.

Acrescida à energia química, que se mantém inalterável, à supra elétrica e à supra magnética, a energia quântica completa as características energéticas no corpo átomico. Além disso, a quântica dita os termos, por assim dizer, do que ocorre neste corpo. Tal interação energética somente é possível através da última mutação sofrida pelas energias elétrica e magnética, após a saída do corpo búdico.

Citamos que o que ocorre no átomico é como o efeito da máxima evangélica “pedi e obtereis”, pois que a validação realizada possuiu essa premissa.

O “pedi” seria o pensamento original, expandido, desdobrado, com conexões a vidas passadas no etérico, validações no astral e mental, conexões a emoções fortes e significativas também relacionadas a existências físicas anteriores no causal e conexões externas no búdico, além de toda mutação que as características energéticas sofrem.

Toda essa jornada de conexões e mutações compõem o “pedi”, de maneira que o desejo contido no pensamento original desempenha grande importância, pois direciona a validação do átomico, segundo os sentimentos e emoções que o constituíram.

Tudo isto é o “pedi”, que está e não está no átomico, que será ou não será atendido, que é e não é atendido ao mesmo tempo. O corpo átomico poderia ser representado pela caixa de Schrödinger, onde o gato do experimento seria a energia contida nele. Sendo a energia que chegou até lá o que compõe o “pedi”, ela será atendida no mesmo tempo em que não será. É preciso abrir a caixa para observar a vida ou ausência dela no gato.

Na jornada energética, o ato de “abrir a caixa” acontece quando as resoluções retornam ao cérebro físico e atingem a consciência. Somente neste momento, será possível saber o que se obteve. Diferentemente da experiência de Schrödinger, onde o gato pode estar morto, a jornada energética que resulta no “pedi e obtereis”, sempre dará uma resposta às súplicas, aos pedidos. Mas a natureza dessas respostas — do que se obterá —, depende da natureza do “pedi”.

Muitas vezes as pessoas pedem por saúde, mas seus pensamentos são direcionados a doenças, uma vez que seus atos são insalubres e suas palavras evocam dor, angústia e moléstias. Mesmo pedindo saúde, o sentimento envolvido é de doença. Ou seja, o pensamento é criado assim. O “pedi” será feito desta forma e o “obtereis” terá a mesma natureza.

Pautar a vida com atos e palavras nocivas a si mesmo sobrepuja um pensamento em direção

oposta. É preciso constância de pensamentos, o que incluirá mudanças de hábitos.

Em vista disso, por alguns instantes podemos pedir por saúde, mas se nossas ações foram desequilibradas, pendentes a doenças, pois nosso vocabulário e inclinações são voltadas a elas, de nada adiantará. Pois o entendimento no átmico será de que desejamos a doença, uma vez que é somente dela de quem falamos a maior parte do tempo, é a ela que direcionamos nossas atenções e emoções e não para a cura. O foco não pode ser na doença, precisa ser na cura. Sendo assim, pedir saúde com foco na doença apenas trará mais pensamentos pertinentes às enfermidades, num ciclo difícil de ser rompido.

A sabedoria popular diz que Deus sabe sobre nós antes mesmo de sabermos. É porque o que sabemos está no consciente e Deus está em todos os níveis de inconsciência, em todos os corpos e conexões possíveis e Sua Validação no átmico, através de Sua Parcela em nós é regida por todas as coisas que não nos são conscientes, mas perceptíveis para Ele. Quando o átmico decreta uma resolução é baseado na presença de Deus em todas as coisas, das quais a maioria não nos são cognoscíveis.

Portanto, o “pedi” compreende toda energia que vai até o átmico, baseada nos pensamentos e conexões que faz. E o “recebereis” é a energia que



sai do átomico com destino ao cérebro carregada com as resoluções, sempre relacionada com a máxima justiça à energia que chegou.

Muitos homens não sabem esperar, pois o tempo para que a energia cumpra toda jornada é variável e de acordo com a intensidade com a qual foi gerada e com a quantidade de conexões que realizou. Significa dizer que, quanto maior for a intensidade do pensamento, mais tempo o retorno com as resoluções, “a resposta de Deus”, pode demorar.

Imagine que você esteja dentro de um cenário favorável, em um ambiente confortável, experimentando felicidade e júbilo devido a inúmeros fatores que lhe agradam. “De repente”, lhe surge uma epifania e você demonstra vontade em seguir por outro caminho em sua vida, realizando escolhas novas, decidindo por atividades que sempre lhe foram simpáticas, mas que nunca teve coragem ou ânimo para fazer. Você pensa naquele possível cenário com extrema felicidade. As imagens mentais que cria lhe proporcionam satisfação e lhe aguçam os sentidos. Você sente sua pele arrepiar, seu coração palpita, a boca pode até secar rapidamente, seus lábios sorriem, suas pupilas dilatam. Você pensa em como viver aquele cenário criado lhe deixaria feliz e preencheria vazios emocionais em sua existência. Enfim, pensa como seria bom que tudo fosse verdade. Então você deseja com força que aquilo se realize e, para tanto, começa a pensar praticamente. Naqueles instantes,

you contabiliza esforços e sacrificios que deveria fazer para mudar de profissao, por exemplo, realizando seu sonho de tanto tempo, deixando o emprego que não lhe agrada ou satisfaz, ao contrário, que lhe pesa. Você estabelece prioridades, você pensa no que deveria fazer para conseguir. Você tem o começo dessa transição todo mapeado. Bastando forças ou mesmo coragem. Você pode até não pedir conscientemente, mas espera um sinal divino ou mesmo que algo aconteça em sua vida que lhe mostre o caminho ou que lhe direcione para novas possibilidades. Quando você resolve que tudo isso é bom e deseja realizar, esse pensamento libera a energia de maneira muitíssimo intensa, pois os sentimentos associados, sensações corporais, imagens mentais, deram a força necessária para que a energia liberada fosse extremamente forte. Imagine agora a quantidade de conexões que poderá realizar. Isso levará tempo. E, voltamos a dizer, muitos homens não têm essa paciência, pois interpretam que a demora em receber algum “sinal” é a recusa de Deus a seus desejos. Mas como diz a sabedoria popular, “Deus tarda, mas não falha”.

Não podemos desistir. Não podemos acreditar que Deus não nos ouviu ou que negou nossas preces, pois isso irá gerar desânimo no propósito inicial, quando da liberação da energia original.

No cenário citado, falamos sobre mudança de profissão. Significa que podem não existir muitos

pensamentos sobre a nova profissão, a qual se deseja seguir. Certamente haverá mais pensamentos sobre a profissão atual, por exigências diárias, do que pensamentos sobre a nova profissão, por tratar-se de um sonho, algo esquecido no tempo.

Ou seja, o pensamento inicial, mesmo muito forte, pode não ser suficiente para mudar tudo sozinho. E se houver desistência pela crença de que Deus não nos ouviu, não haverá constância de pensamentos similares, fazendo que a energia que transita pelos corpos não se renove.

Nesses casos, é muito comum que a pessoa desista ou até mesmo esqueça e permaneça na mesma profissão. Entretanto, mais adiante, algo em sua vida pode acontecer: o esperado “sinal”. Mas naquele momento, devido a várias circunstâncias derivadas da desistência, uma mudança de profissão estará descartada. Com isso, a pessoa pode pensar que se fosse um pouco antes poderia dar certo, que aconteceu tarde demais ou que poderia ter sido diferente. Mas a realidade é que a pessoa não soube esperar pelo retorno das resoluções e não se manteve gerando pensamentos que pudessem fortalecer seus interesses.

A epifania que “de repente” aconteceu, já foi uma resolução vinda do corpo mental, a partir de pensamentos anteriores, mesmo que periféricos ao assunto, mas que deram suporte para que conexões fossem realizadas e a “epifania” acontecesse. Ou

seja, Deus já estava à frente, lhe inspirando em desejos que lhe estavam conscientemente ocultos.

Quando um pensamento, especialmente sobre um sonho antigo, despertar sensações corporais e felicidade ao tê-lo, espere e confie nos desígnios de Deus. Pois a realização já estará em curso, você só precisa manter-se com a mente ativa nesse propósito e as oportunidades para iniciar a materialização da vontade em potencial surgirão.

No átmico, portanto, acontecem deliberações sempre justas pertinentes ao que lhe foi enviado pelo cérebro. Ao homem, basta confiar.

Após tais deliberações, a energia inicia o retorno pelos corpos até o mental, que se encarregará de transmitir as resoluções para o cérebro, no consciente ou no inconsciente.

No retorno, não há mais conexões, apenas suas validações nos corpos em que foram feitas. As características energéticas que sofreram mutações na jornada de ida, sofrem as mesmas na volta, retornando gradativamente às condições originais, mutação por mutação, nos corpos correspondentes.

O destino é o cérebro, todavia, a energia segue o caminho de volta até o corpo mental e nele será enviada até o corpo físico, passando pelos corpos astral e etérico. Apesar de realizar as validações no etérico, a energia segue sem interrupções.

Como dito acima, o corpo mental é quem vai direcionar a energia para a consciência ou inconsciência. Isso dependerá de muitos fatores, entre eles, em qual nível de maturidade o assunto estará no indivíduo.

Caso seja um assunto corriqueiro, seguirá diretamente ao consciente e pode surgir como insight ou pensamentos ditos intrusivos ou aleatórios. Contudo, mesmo não sendo um assunto comum, é possível que também vá direto para a mente consciente, dependendo de outros fatores. Nesse caso, o indivíduo poderá experimentar a sensação de epifania.

Em assuntos delicados, profundos, polêmicos ou pouco abordados, as resoluções seguem direto ao inconsciente, assim como nos casos de assuntos nunca abordados de maneira consciente. Nesta última possibilidade, possuem suas origens nos corpos etérico ou causal. Em todos esses casos, tais informações podem emergir na consciência igualmente como insight ou epifania, ou podem nunca aflorar de maneira consciente na atual encarnação.

A repetição deste processo para um mesmo tema, seguramente causará impactos no corpo físico, visto tudo começar pelo pensamento.

Desde mudanças de profissões, de hábitos, de maneiras de perceber a vida até ações menores,

podem ser reflexos das resoluções oriundas da jornada energética a partir dos pensamentos.

Mas nestes casos, há intenções, há movimentos conscientes para que tudo ocorra. Ou mesmo, há uma interferência consciente para não prosseguir.

Mas quando tudo acontece sem passar pela consciência?

Após a introdução à Terapi Surga e a breve explanação sobre o intercâmbio energético nos corpos que compõem o ser, este estudo pode prosseguir para seu foco principal a respeito da jornada energética que a cada segundo acontece em todos os seres: a saúde.

## **Prevenção de Doenças e Processos Saudáveis Para Bem-Estar e Progresso Espiritual**

As tribos que praticavam a Terapi Surga tinham muitos rituais auxiliares à sua execução, como dogmas. Alguns destes rituais envolviam a ingestão de bebidas alucinógenas e pinturas em cavernas, chamadas de rupestres. Como antecipado, não abordaremos detalhadamente os ritos, visto serem atualmente desnecessários devido ao adiantamento da humanidade no que tange à entendimento.

Os rituais serviam de coadjuvantes à prática. Mas, obviamente, para tribos ancestrais, os adornos aos procedimentos principais eram tidos como indispensáveis. Aqui apenas traremos alguns dados para apoiar a compreensão e servir como referência ao comparativo. Este estudo não incentiva ou orienta a adoção de qualquer prática de ritos ancestrais, especialmente os que envolvem alucinógenos de qualquer tipo. Pois, como já dissemos e agora reforçamos, tais ritos são absolutamente desnecessários para a obtenção dos resultados esperados. No decorrer deste capítulo, poderemos comparar os efeitos de algumas práticas rituais com os da prática que pretendemos ilustrar, e poderemos perceber que serão idênticos, mesmo sem a utilização dos ritos primitivos.

Os praticantes da Terapi Surga acreditavam em sua aplicação medicinal, preventiva e curadora.

Como os capítulos anteriores deixaram transparecer, a aplicação da Terapi Surga enquanto jornada energética pelos corpos que compõem o ser, vai muito além dos efeitos na saúde do corpo físico. Mas esta faceta é nosso objeto de estudo neste livro, mesmo que, ao final, todas as orientações possam servir como base para qualquer aplicação desejada.

Neste capítulo trataremos dos aspectos preventivos às patologias, através de processos saudáveis que culminarão em bem-estar físico e mental e, como efeito positivo, em certo progresso espiritual.

Como mencionado ao final do capítulo introdutório, os praticantes da Terapi Surga acreditavam que eram responsáveis pelo corpo físico e que tudo que ocorre com este é um desejo manifestado da mente do indivíduo. Significa dizer que se alguém adoeceu, é porque desejou através de práticas internas ou externas. Exatamente por isso, havia rituais devotados à prevenção de doenças.

Em tais rituais, o uso de alucinógenos também era realizado. Mas aqui traçamos o primeiro comparativo: A utilização de alucinógenos era para a alteração do estado perceptivo.



Tal prática afetava os sentidos e causava excitação em alguns casos, além de, por consequência, promover sensações exageradas ou extremas, que definiam a disposição emocional do indivíduo. Caso o alucinógeno causasse excitação e reações exageradas de alegria, extroversão e mesmo bem-estar, esse seria o sentimento que regeria todo ritual. Assim como, caso o uso do alucinógeno causasse percepção depressiva e mesmo um sentimento extremo de tristeza, essa seria a emoção base. Comumente, o uso do alucinógeno promovia letargia em algum grau. Em muitos casos também, promovia sonolência. Contudo, havia indivíduos que experimentavam lucidez, mas com um sentimento de paz envolvido, que não causava reações extremas, sendo esse, também, um sentimento base.

Anteriormente dissemos que o sentimento envolvido no momento do pensamento original pautará a potência com a qual a energia será liberada, como será o direcionamento para a realização das conexões e, especialmente, como será conduzida a validação no átomico. O uso do alucinógeno tinha como objetivo garantir um sentimento acentuado, mesmo que fosse de calma, pois seria uma calma extrema, diferente do habitual.

Ainda que houvesse letargia, poderia haver um sentimento associado, como uma disposição prévia à omissão.

Alguém muito feliz ou muito triste, claramente teria tais sentimentos pautando o ritual.

Significa dizer que os antigos praticantes da Terapi Surga utilizavam os alucinógenos para garantir um forte sentimento associado ao processo, o que, como dissemos, é um considerável componente da jornada energética. Visto que sua utilização era uma das etapas iniciais dos ritos, podemos dizer que as químicas cerebrais envolvidas nos sentimentos extremos substituem os alucinógenos, pois quando um estado extremo é alcançado, sempre há liberações químicas por parte do cérebro.

O que os antigos praticantes faziam era apenas garantir que houvesse um forte sentimento vinculado, seja qual fosse, que jamais seria idêntico de um indivíduo para outro. Podendo, inclusive, não se repetir no mesmo indivíduo.

Além disso, havia a utilização de vários tipos de alucinógenos e várias formas de ingestão, cada uma específica para um tema ou usada de maneira a buscar resultados diferentes. Obviamente os antigos praticantes da Terapi Surga também contavam com as químicas cerebrais, mas, assim como nos tempos atuais, o uso de alucinógenos pode maximizar resultados e extrapolar sentimentos. Contudo, reafirmamos que sua utilização não é mais necessária. Une-se a esta afirmação, o argumento que diz que os alucinógenos, enquanto tentativa

artificial em conseguir algo, não possuem resultados mais fortes que os naturais.

Muito além das químicas liberadas pelo cérebro em situações específicas, há outro elemento capaz de substituir os alucinógenos de forma muito mais eficaz: a fé.

Aquele que tem fé, transporta montanhas; aquele que tem fé é capaz de realizar feitos antes tidos como prodígios dos anjos.

Durante muito tempo, pesquisadores de várias partes do mundo estudaram e ainda estudam o que se passa no cérebro de quem tem fé.

E somente o fazem porque tais indivíduos conseguiram curas físicas para males que a medicina da Terra julgava como irreversíveis. Os cientistas que se debruçam na fé, a compreendem como poderosa ferramenta de transformação, mesmo sem conhecer-lhes os meandres.

Os antigos praticantes da Terapi Surga acreditavam plenamente no poder dos rituais. Havia uma certeza inabalável de que a responsabilidade sobre a saúde do corpo era de cada um. Portanto, a fé estava presente e garantia a continuidade do processo. Anteriormente dissemos que é preciso ter paciência, pois Deus tarda, mas não falha e os antigos possuíam a paciência necessária através da fé nos rituais.

Além da fé e das circunstâncias específicas provocando fortes emoções, existe o processo ritualístico de visualização, ao qual também podemos traçar paralelos.

Muitas das pinturas, chamadas rupestres, eram a representação do que era visto pelos homens. Mas algumas delas representavam o que os homens gostariam de ver. Ou seja, essas últimas funcionavam como imagens idealizadas, à semelhança de objetivos, por assim dizer. Portanto, além de pintar o que via, o homem pintava o que gostaria de ver ou conseguir. Comumente, nesse sentido, figuras de animais nas paredes, poderiam significar a caça que gostariam de fazer. Contudo, figuras abstratas, algumas atualmente ainda sem decodificação ou interpretação, poderiam significar ganhos não palpáveis que gostariam de obter, como a saúde ou a manutenção dela.

Se pedirmos a crianças que desenhem a saúde e depois mostrarmos o resultado a algum adulto que não sabia sobre o experimento, solicitando que ele diga o que vê ou sobre qual tema é o desenho, dificilmente ele saberá. Isto porque a mente de um adulto padrão tem dificuldade para representar o abstrato. Por mais que existam símbolos baseados em convenções sociais que expressem a saúde em imagens, nenhuma criação artística que se propõe a desenhá-la estará errada.

Diante de tal contexto e tendo-o como premissa, como arqueólogos, antropólogos, historiadores e estudiosos em geral podem afirmar, com segurança, que tal pintura, em determinada parede de alguma caverna, em certa região, representava algo e não outra coisa? Como é possível afirmar que uma pintura rupestre aparentemente sem interpretação, por não ter aplicação contextual ao período e geolocalização, não representa o desejo em ter ou manter corpos saudáveis?

A visualização é algo poderoso e muitas pinturas rupestres tinham esse objetivo, assim como alguns alucinógenos.

Imagine-se saudável, visualize-se com saúde, perceba-a circulando por seu corpo. Faça isso em circunstâncias específicas, em que, por qualquer motivo, esteja experimentando a sensação de felicidade. Estique essa alegria ao máximo e quando estiver no clímax, radiante em alegria, perceba-se com saúde, visualize-se com saúde e tenha fé que assim será. Nesse momento, a energia liberada por esse pensamento começará a jornada pelos corpos de maneira poderosa.

Mas, como dito anteriormente, um pensamento apenas, por melhor e mais forte que seja, não é suficiente para mudar a corrente energética que já está circulando pelos corpos. É preciso constância. É preciso que o fluxo de pensamentos positivos e saudáveis seja contínuo. Um pensamento contrário,

mesmo que mais fraco que o inicial, pode retornar ao cérebro físico com maior força que o primeiro, de pensamentos saudáveis. Isto porque já havia uma série de outros pensamentos nesta mesma faixa vibratória, e a junção com estes elevou a potência energética que saiu mais fraca. É preciso mudar a faixa vibracional de pensamentos e não voltar atrás. É preciso perseverança e fé.

Todavia, sabemos das dificuldades para mudar hábitos mentais que possam existir há muito tempo. Não é necessário que todos os pensamentos saudáveis sejam iguais em força e liberem energias poderosas todas as vezes. Mas se em cada pensamento, mesmo que pequeno, exista certeza e fé contida, essas pequenas energias se avolumarão com o tempo e o resultado será surpreendente. Contudo, diante das dificuldades da vida encarnada e das turbulências que dificultam o olhar gentil para si mesmo, pode o homem esmorecer e voltar-se contra ele próprio em processo de autossabotagem, gerando pensamentos pessimistas, absolutamente contrários aos que recentemente enviou. Mas, nestes momentos de angústia e desespero, o remédio mais simples e ao mesmo tempo mais eficaz é a tranquilidade em Deus, a oração e a leitura do Evangelho de Jesus, onde suas sábias palavras servem de material de estudo e meditação. Imbuídos do amor do Cristo, terão os homens oportunidades para voltar ao caminho dos bons pensamentos.

Prevenir doenças do corpo físico é um ato que começa na mente.

Há aqueles que acreditam que terão doenças, por razões diversas. E aquele que assim crê, receberá o que pediu. O contrário também é verdadeiro, pois aquele que acredita que seu corpo físico é saudável e nenhuma moléstia mais grave lhe acometerá, igualmente receberá o que pediu.

Há pessoas que em todas as conversas com amigos sempre encontram uma forma de falar em doenças, em exames, em médicos e hospitais. Essas pessoas estão buscando doenças, pois sendo este o tema que mais lhes agrada, mais pensamentos geram e, por consequência, mais energia associada a eles liberam. Ao passo que pessoas que falam sobre saúde, boa alimentação, prática de exercícios físicos, hábitos saudáveis, estão liberando energias relacionadas a pensamentos sobre saúde e, por conseguinte, estão buscando a saúde em palavras e atos. Qual tipo de energia está circulando nos corpos da pessoa que fala sobre doenças e na outra, que fala sobre saúde? Trata-se de escolhas. De atitude física e mental.

É possível que alguém que cuide do corpo físico, fale sobre saúde e tenha todos os hábitos saudáveis possíveis fique gravemente doente? Sim, é claro. Porque existem outros fatores envolvidos, como registros perispirituais no corpo etérico e bolhas energéticas no corpo causal. Entretanto,

aquele que somente fala e pensa sobre doenças, de fato, adoecerá, de forma grave ou não, mas sempre estará com algum tipo de patologia manifestada, porque esse é seu desejo.

Outro processo que fazia parte dos antigos rituais era a questão teatral, envolvendo danças, uso de adereços, adornos e objetos pertinentes ao que se propunha alcançar.

Neste ponto, os rituais saíam da visualização com pinturas rupestres; da obtenção do sentimento certo com os alucinógenos; da fé através da confiança na prática e seguiam para as manifestações físicas, atividades geradoras de energias que auxiliam no processo da Terapi Surga.

A visualização do que se pretendia alcançar traçava a meta e a pintura a tornava palpável, por ser real, uma vez que poderia ser vista pela coletividade; os efeitos alucinógenos definiam quais sentimentos estariam associados aos pensamentos gerados; a crença na prática garantia maior força na liberação energética; e as manifestações físicas, além de fornecerem maior ganho energético no processo, serviam como “ensaio” ao pretendido, sendo uma espécie de materialização prévia do que se esperava receber no futuro.

Em tribos antigas de várias partes do mundo, por vezes, as danças ritualísticas serviam como



simulação da atividade para a qual se pedia benção. Por exemplo, quando um grupo de caçadores se preparava para sair em caçada no intuito de voltar com alimento substancial para a tribo, as danças durante o ritual simulavam os movimentos necessários para caçar determinado animal, já previamente escolhido. Dependendo da região e da época, tal animal poderia ser pintado nas paredes das cavernas, representando a meta a ser alcançada.

Portanto, dançar não representava um ato vazio, ao contrário, consistia em atividade repleta de significados, uma vez que seus movimentos específicos poderiam variar dependendo do animal que pretendiam caçar.

De maneira que, quando linhas acima foi dito que tais atividades compunham o aspecto teatral, não houve intenção em faltar com o respeito. Mas, ao contrário, salientar que a simulação de gestos específicos nas danças de acordo com o que se pretendia alcançar é, além de poderoso gerador energético, também excelente ensaio ao porvir, como espécie de treinamento combinado com preparação espiritual.

Quando citamos o aspecto teatral, além das danças, incluímos os cantos, com sua cadência marcada por palmas ou pelos pés no chão; incluímos adornos, como colares e máscaras; e igualmente incluímos acessórios, à maneira de amuletos cerimoniais.

Assim como a dança, o canto igualmente é um poderoso gerador energético que auxilia na produção da energia que seguirá jornada pelos corpos.

Para cada resultado, havia cantos, danças, adornos e acessórios específicos, assim como os alucinógenos e as formas visualizadas. Formas estas, que na maioria das vezes era riscada no chão de terra, ao invés de paredes. Significa dizer que os antigos praticantes da Terapi Surga sabiam o que desejavam atingir. Eles acreditavam que Surga poderia lhes dar a saúde, através de suas intenções. Para tanto, bastava que buscassem com extrema confiança o que pretendiam. E que a saúde ou a doença já existia em Surga antes que estivesse em seus corpos físicos. Este conceito é absolutamente atual.

A doença que ainda não se manifestou no corpo físico já existe nos demais corpos, pois representa resoluções a partir de energias liberadas por pensamentos anteriores. O homem chama a doença, como chama a cura, assim como chama a saúde.

Em vista disso, o homem é capaz de prevenir que uma doença lhe acometa o físico, buscando a manutenção da saúde que já possui, não sendo necessário esperar adoecer para buscar a cura.

Quais seriam os processos saudáveis que podem promover a prevenção de doenças?

A constância de pensamentos positivos e saudáveis é o primeiro fator importante. A oração e a leitura edificante, especialmente do Evangelho de Jesus, são meios excelentes e viáveis para evitar que pensamentos sugeridos ou induzidos por espíritos desencarnados, ou mesmo encarnados, possam se infiltrar na cadeia energética de bons pensamentos que viaja pelos corpos. Quanto maior for a dinâmica de bons pensamentos, com poucos intervalos, melhor serão os resultados. Pois é justamente nesses intervalos que os obsessores desencarnados atuam: quando não há pensamento. Necessário, portanto, se faz lembrar do dito popular que diz que a mente vazia é oficina do diabo.

É necessário manter a constância de bons pensamentos, não desviando do propósito. É nesse momento em que se aplica a fé. O homem que a tem, não se esforça em manter-se no caminho, pois para ele é natural. Aquele que tem fé não desvia do propósito, pois acredita que receberá o merecido.

Cada bom pensamento carregado de fé é um elo na cadeia energética percorrendo os corpos. Um pensamento contrário, muitas vezes sugerido por obsessores ou mesmo por fraquejos na fé, quebram a corrente positiva que havia. Imagine que dez pensamentos bons podem ter sido enviados e, na sequência, um nocivo também. Nesse caso, não serão onze na corrente, continuarão sendo dez. E o próximo, que poderia ser o décimo segundo na corrente positiva, será o primeiro em nova

sequência, mesmo os outros não sendo anulados. Mas doze unidos em corrente são mais fortes que vinte quebrados em duas sequências de dez com um nocivo ao meio.

Imaginemos que os primeiros dez pensamentos sequenciais realizaram suas jornadas e retornaram ao cérebro físico conscientemente em forma de resoluções. Serão boas e poderão alavancar um novo propósito de vida. Contudo, o pensamento divergente carregado por energia pessimista chegará em seguida, levando desmotivação e, possivelmente, arruinando o que foi construído no primeiro momento pelos dez anteriores. Isto se deve ao fato de os homens possuírem tendência a se vincular mais rápido e mais forte a sentimentos pessimistas, em detrimento aos otimistas. Com isso, o pensamento pessimista tende a ser mais potente que as unidades anteriores. Obviamente a soma dos dez poderá ser maior. Mas, mesmo dentro de um cenário otimista e de mudanças, um único pensamento pessimista pode ser destrutivo. Caso o homem esteja sempre mais vinculado a tais pensamentos de baixa vibração, certamente as conexões na jornada serão maiores e mais fortes e, ao retornar ao cérebro, a energia estará carregada e poderá arruinar tudo o que já havia sido feito anteriormente.

Entretanto, outros dez pensamentos positivos foram enviados depois do único pessimista. Significa que nova onda otimista surgirá. Contudo,

quando eclodir na consciência, dependendo do período pessimista e de qual tamanho foi o desânimo, tal corrente poderá ser suficiente apenas para reconstruir o que o pessimismo momentâneo destruiu, e isso significará retorno ao ponto de partida.

Essa é uma forma para explicar os altos e baixos da vida. E nesse círculo, caminha-se para frente a mesma distância que para trás.

Mesmo não sendo um processo consciente é possível ocorrer. No exemplo acima, poderíamos ilustrar com o caso da mudança de profissão, onde os dez primeiros pensamentos podem produzir energias necessárias para causar os primeiros impactos, de maneira que as ações iniciais possam ser tomadas. Mas o desânimo vem em sequência sendo capaz de gerar arrependimento, inclusive, conduzindo o indivíduo a voltar atrás na decisão, para que, posteriormente, sinta novamente o ímpeto em mudar. Neste caso, ficaria um grande período sem conseguir manter uma decisão, seja qual for. E com o passar do tempo, provavelmente optaria pela manutenção de onde está, sendo a decisão mais confortável.

Nesta linha de raciocínio, verifiquemos um exemplo em que as resoluções podem não passar pelo consciente. Neste caso, digamos que o indivíduo tenha um empreendimento autônomo e necessite de vendas para alavancar os negócios.

Os dez primeiros pensamentos serão otimistas sobre vendas e tudo que pode ser útil para tal finalidade. Entretanto, quando as resoluções retornarem ao cérebro não serão encaminhadas ao consciente, ao contrário, ficarão na inconsciência, mas afetarão o indivíduo em escolhas, posturas, atitudes, até mesmo em vocabulário. Tal indivíduo poderá experimentar as sensações de “estar no lugar certo, na hora certa”, de ter dito “as palavras certas” e poderá ter o entendimento de que “Deus agiu em sua vida”, lhe conduzindo em escolhas e atos.

Mas na ocasião da volta da energia pessimista, o oposto ocorrerá e o indivíduo se verá em um período “de falta de sorte”, onde as coisas parecem “não darem certo” e poderá ter a sensação de que Deus está lhe “provando”. Caso esta sensação seja muito forte, o desânimo tenderá a lhe abater e sua fé poderá sofrer abalos significativos, o que poderá prejudicar seu desempenho na atividade de vendas. De maneira que, na ocasião da volta da energia do segundo grupo de dez pensamentos, esta poderá ser útil para equilibrar as ações, tendo o indivíduo um rendimento mediano, o que lhe permitirá continuar, mas sem o brilhantismo que poderia ter.

Ao passo que uma corrente composta por doze bons pensamentos positivos, acarretará uma onda favorável além dos primeiros momentos e o sentimento de “estar no lugar certo, na hora certa” se propagará além do inicial, mantendo-se mais

tempo, o que possibilitará um ganho de confiança para que o indivíduo se mantenha seguro quando da chegada do pensamento pessimista.

Por isso, doze bons pensamentos em sequência serão mais eficazes que vinte em duas correntes de dez com um pensamento pessimista no meio.

É preciso constância em bons pensamentos voltados ao que se deseja atingir. Pensar pessimista trará resultados ruins. Permanecer dentro de um cenário desfavorável sem alterar o padrão mental não será eficiente, pois o indivíduo apenas insistirá em algo que não mudará, visto suas convicções mentais serem as mesmas. É necessário manter-se em pensamentos bons e elevados. No entanto, sabemos ser plausível e comum que existiam pensamentos pessimistas. Todavia, o importante é não se ater a estes por muito tempo. Pois isso os enfraquecerá e a energia liberada será menos potente, por consequência farão jornadas sem grandes conexões em força e não causarão tantos problemas no futuro.

Após perceber que teve um pensamento pessimista, procure gerar outro otimista na sequência. Mas não somente diga que vai dar certo com palavras vazias. Olhe por outro viés, tenha base para pensar positivo, analise de outra maneira. Pense com consistência. Convença-se de que é possível daquela maneira. Seja racional, portanto. Mas também é possível ser todo emoção. Ore, peça

ajuda a Deus. Coloque o coração nas palavras e sua emoção garantirá a vibração ideal para liberar boas energias através do pensamento.

Todos os rituais antigos podem ser substituídos por visualização mental, palavras e ações. Mas a principal delas é a atitude perante a vida.

Como dito mais acima neste mesmo capítulo, aquele em que os pensamentos sobre doenças e temas relacionados o permeiam, terá maior facilidade em contrair patologias. Mais que palavras, tal indivíduo tem uma postura debilitada perante a vida, onde as doenças possuem prioridade.

É preciso entender que, quanto mais contato se tem com determinado tema, mais relevância e, consequentemente, mais poder, ele terá. Este é um fator considerável durante a jornada da energia pelos corpos: Quanto maior relevância o assunto tiver, maior energia será associada.

Portanto, para ter uma vida saudável e equilibrada é preciso, em primeiro lugar, alimentar o cérebro com assuntos sobre vida, saúde, amor, caridade, felicidade, paz e prosperidade espiritual. Dificilmente tais temas serão encontrados em grandes veículos de comunicação porque os anunciantes buscam retorno financeiro e, para tanto, é preciso aumentar a audiência e os principais assuntos que podem conquistá-la estão



longe dos propósitos de bem-estar. Competições desmedidas, injustiças, crimes, fomento da ansiedade, banalização do stress, preconceitos, guerras... doenças. Esses são os principais temas que alimentam as mentes da maior parte das pessoas no planeta através dos grandes veículos de massa.

No entanto, na atualidade da Terra é perfeitamente possível selecionar o que será visto, ouvido e, especialmente, será lido. Assim como a seleção do que nutrirá o corpo físico, a seleção do que nutrirá a mente é extremamente importante e decisiva. Não se trata de viver alienado ao que se passa. As más notícias continuarão chegando, mas há muita informação desnecessária poluindo as mentes e contaminando as energias que realizam a jornada pelos corpos. O que for saudável precisa ser essencial.

Mas os homens encarnados estão, em sua maioria, entretidos com as distrações fugazes, sejam provocadoras de risos ou lágrimas. Notícias sobre tragédias tem maior público que assistências sociais a desamparados. Isso porque os veículos de massa alimentam a população com as tragédias desde muitas décadas. Há um processo de contenção intimidatória do povo, de controle pelo terror e pelo medo. Assim, gerações são conduzidas ou agendadas a gostar ou se interessar por tal ou qual tipo de notícia. Coisas boas e saudáveis, quando noticiadas, não despertam tanto interesse

porque as mentes entendem como algo fora dos padrões a serem vistos.

A liberdade em buscar outras fontes de informação sempre existiu, mas por que é vilipendiada?

As gerações estão há tanto tempo sendo doutrinadas a se interessar por padrões específicos, que um sinal de liberdade lhes soa como algo errado, antinatural. Por isso, boas notícias sobre amor e felicidade não despertam tanto interesse das massas como sobre tragédias. Porque a boa notícia é um sinal de uma possível liberdade em relação ao sistema escravizador do medo. A liberdade assusta, pois ameaça a quebra do rotineiro. E a quebra das rotinas é algo absolutamente difícil de se conseguir. Isto porque as energias que se movimentam em jornadas pelos corpos estão relacionadas aos antigos interesses em tragédias e dor, disfarçadas de empatia pelo próximo. Por isso, uma boa notícia é assimilada, mas não há recorrência, pois logo uma enxurrada de notícias sobre crimes e injustiças sociais tomam conta novamente dos noticiários.

Lembramos que a liberdade em se alimentar de boas notícias é uma escolha que precisa ser cultivada diariamente. Mas não somente o que é absorvido vindo de fora, como as notícias, são importantes neste processo. As palavras proferidas são igualmente fonte geradoras de energia.

Nos antigos rituais da Terapi Surga não apenas eram entoados cânticos, mas palavras, como orações, eram proferidas. Eram palavras místicas e sagradas, que não podiam ser pronunciadas fora dos ritos e apenas eram utilizadas pelos praticantes com a permissão dos sacerdotes.

Mesmo sendo consideradas como mágicas, essas palavras eram verbetes comuns fora do contexto, mas que ganhavam vibração diferente ao ecoar durante os rituais. Isso porque os praticantes acreditavam nelas e o que lhes conferia poder vinha das resoluções das jornadas energéticas que voltavam a seus cérebros, afirmando que tais palavras eram poderosas e os rituais eficazes. Era um ciclo virtuoso movido pela fé. É perfeitamente possível, pois, romper com ciclos nocivos, cultivando amor e bons hábitos.

Disse Deus a Moisés: “Eu Sou o que Sou”.

Esta passagem do livro de Êxodo é um magnífico norteador para formatos sobre como proferir palavras.

Não diga “eu quero saúde”, diga “eu sou saudável”.

Dizer “eu quero”, subentende algo no futuro, que não se tem agora. Mas, como vimos, as resoluções que chegarão no físico são reflexos de

ações passadas. O amanhã é fruto de ontem, ou seja, está em curso.

Significa dizer que o “eu sou” é uma afirmação e não um desejo. Além disso, representa o presente. Ou seja, eu não quero amanhã, pois eu já sou hoje.

Quando dizemos “eu sou”, a energia liberada para jornada pelos corpos contém uma afirmação indubitável e a resolução que retornará terá a mesma característica, não havendo dúvidas.

Se alguém diz que “eu sou preguiçoso” ou “eu sou fraco” ou ainda “eu sou doente”, assim será. É uma escolha feita. Ao contrário, optemos por dizer “eu sou saudável”.

Ao pronunciar “eu sou”, o homem não garante que de fato seja, mas acoplada na energia liberada, estará a mensagem de que nada menos que tal resultado será bom o suficiente.

Neste momento, podemos fazer um parêntese e dizer que aquele que diz “eu sou rico” ou “eu sou poderoso”, certamente poderá ter condições que o coloquem em posição de propriamente ser, assim como aquele que diz “eu sou caridoso” igualmente terá. Mas aquele que pede fama, fortuna ou poder, pede também um difícil fardo a carregar e, mais que isso, demonstra sua real condição mental. Pois efetivamente pode ser pobre financeiramente, mas sua postura mental é direcionada ao dinheiro.

Como nos disse Jesus no evangelho de Mateus, é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no Reino de Deus.

O irmão Jesus não se referia apenas aos homens que possuíam bens materiais, que possuíam ouro e riquezas. Devemos ampliar a fala de Jesus aos homens que não possuíam dinheiro, mas que mantinham suas posturas mentais voltadas para tanto. Porque dinheiro pode não ser fácil de ganhar, mas proferir uma frase, sim. A escolha é dizer sou rico ou sou caridoso. Nesta escolha estará a verdade, a postura mental do indivíduo. Quando Jesus diz “rico”, refere-se também aos homens que possuem a postura mental voltada ao dinheiro em contrapartida a outras características.

Obviamente a escolha não será necessariamente sou rico ou sou caridoso. Mas a figura se fez necessária para expressarmos um ponto a ser raciocinado pelos leitores.

Portanto, como dissemos, aquele que opta em dizer “sou rico”, opta também pelo fardo que isso implica carregar. O dinheiro não é uma facilidade. Ele é uma necessidade para subsistência na vida encarnada. Mas não pode configurar objetivo de vida.

O fardo é quando o homem se torna funcionário do dinheiro, esquecendo-se do que realmente precisa realizar na Terra: corrigir erros do passado

e evoluir em busca do Pai e, especialmente no momento do planeta, garantir seu lugar na renovada Terra.

Significa dizer, irmãos, que quanto mais dinheiro se tem, mais longe da simplicidade se fica e mais difícil é o caminho na senda da humildade, o melhor caminho evolutivo rumo ao Pai. Ou seja, o “pedi e recebereis” indubitavelmente também se aplica àquele que pede riquezas e as busca com atitudes. Mas, nesse sentido, mais distante estará do verdadeiro caminho. Pois o dinheiro torna o homem egoísta e individualista, o torna malicioso e furtivo e, muitas vezes, maldosamente engenhoso para obter seus desejos, mesmo que tais atributos estejam disfarçados de boas intenções ou que sejam apresentados como ferramentas necessárias para desenvolverem suas atividades. Mas, irmãos, não há atividades que mereçam ser executadas se for preciso lesar outrem ou promover desonestidade.

Por isso, irmãos, muito cuidado com as palavras pronunciadas. Pois Deus nos adverte para não dizermos Seu Nome em vão.

“O Senhor não deixará impune quem tomar o seu nome em vão”. Esta passagem do livro de Êxodo é bem clara. Mas, ao contrário do que parece para muitos, não é uma ameaça. Mas uma promessa. Deus não está tentando intimidar aqueles que, porventura falem seu nome em vão. Ele está prometendo que aqueles que falarem seu nome

receberão proporcionalmente ao que disseram, por isso adverte: não diga em vão.

E qual Seu Nome? “Eu Sou o que Sou”, disse Deus a Moisés.

Deus nos diz que ele é. O “Eu sou” é muito mais poderoso do que possa parecer. Quando, portanto, dizemos, “eu sou rico” não ficaremos impunes dessa afirmação. Pode até ser que na vida encarnada o dinheiro não nos encha os cofres, mas a intenção estará lá. E dela, não haverá como escapar, pois como Jesus disse, difícil será para o rico entrar no Reino de Deus. E por “Reino de Deus”, podemos entender como uma metáfora dentro do contexto da transição planetária.

Igualmente, o Senhor não nos deixará impunes quando dissermos “eu sou caridoso”, “eu sou amoroso” ou “eu sou saudável”. A escolha é de cada um.

Mas não somente as palavras conscientes possuem poder e lugar na Terapi Surga. O inconsciente também exerce grande influência no processo. E uma das funções dos alucinógenos nos antigos rituais, era buscar maior facilidade na liberação do que estava oculto da consciência dos praticantes.

Muitos pedem saúde, reclamando melhores condições a Deus. Diariamente estes homens

verbalizam o desejo em ter cura em seus corpos físicos. Mas em seus interiores, em níveis mentais inconscientes, está o que de fato lhes move: o desejo de atenção. A carência emocional que lhes assola impulsiona suas inconsciências a desejarem a doença, pois convalescidos, terão a atenção que tanto almejam.

Isto posto, meus irmãos, não somente o que falamos representa nossas intenções. Ademais, o desejo oculto em nossas inconsciências pode ter peso e representatividade muito maior em nossas vidas, especialmente em processos de prevenção e cura de doenças.

Os antigos praticantes da Terapi Surga possuíam muitos rituais que, como vemos, podem ser substituídos atualmente por atividades sóbrias e mais conscientes. No entanto, é crucial se atentar ao desejo oculto que reside no coração e nos recônditos da inconsciência.

Quebrar um padrão inconsciente pode ser mais trabalhoso em relação aos conscientes. Mas a eficácia desta quebra traz benefícios duradouros e consistentes. A identificação de tais padrões pode ser mais complicada também, no entanto, basta se atentar aos fatos. Se unicamente pede saúde e apenas recebe doenças, talvez sejam, de fato, as doenças que o indivíduo deseje inconscientemente. Transforme isso pedindo a Deus que lhe ajude a mudar este padrão vibratório. Mas saiba que esta



ajuda pode mexer em muito de sua psique, todavia, serão tais mudanças que proporcionarão o início da conscientização dos desejos.

A prevenção de doenças através da prática da Terapi Surga possui várias atividades. Mas sem a fé nada acontecerá. É a fé quem move montanhas, assim como remove miasmas.

## **Bolhas Energéticas: O Que São e Como Influenciam a Personalidade Encarnada**

Primeiramente, é importante frisarmos que o conceito de bolhas energéticas ou cargas energéticas anexas, é relativamente novo no que tange aos conhecimentos disponíveis aos espíritos atualmente encarnados na Terra. Entretanto, não podemos classificá-lo como novo nos âmbitos espirituais. Trata-se de um termo utilizado para exprimir algo observado já existente.

Em seu livro “Psicologia Junguiana Sob o Olhar Espiritual Aprofundado”, nosso estimado colega, Dr. Abraham Arden Brill, nos informa que:

*“Após a nossa chegada ao plano espiritual e após o início da revisão do que existia em psicologia, começamos a tomar parte da existência de forças que vão além do entendimento racional do indivíduo encarnado e que se relacionam com as questões psicológicas. Uma dessas forças nomeamos de cargas energéticas anexas, mas alguns também a chamam de bolhas de energia”* (Brill, 2014).

Ele se referia a seu encontro com os doutores Freud e Jung no plano espiritual e seus estudos referentes à psicologia. Ele nos conta que, a partir destes estudos, tomaram parte da existência de

forças relacionadas com as questões psicológicas e uma dessas forças foi nomeada por eles de cargas energéticas anexas. Podemos concluir que a força já existia e não foi inventada por eles. O que fizeram foi somente a observar, estudar e nomear para, posteriormente, conceituá-la visando traduzir o que ela representa.

Além disso, Dr. Brill nos relata que estas forças, com as quais passaram a tomar parte da existência, estão além do entendimento racional do indivíduo encarnado. Isto corrobora com o fato de que esta força denominada carga energética anexa já existia, mas como ainda não poderia ser compreendida pelos encarnados na Terra, não era difundida pela espiritualidade, visto não ser eficaz explicar algo que não pode ser entendido.

Portanto, em síntese, os três estudiosos, enquanto em ambiente espiritual, investigaram forças que existiam, mas ainda eram desconhecidas dos homens. Uma destas forças foi nomeada e conceituada na tentativa de traduzir o que ela representa.

Nomear e conceituar uma força não é algo novo, ao contrário, é prática normal. Feita inclusive por homens. O próprio termo “perispírito” foi cunhado por Kardec à época da codificação de “O Livro dos Espíritos”. Na pergunta 93, ele questiona se o espírito pode ser envolvido por alguma substância. Na resposta, os espíritos superiores afirmam que

sim, mas não nomeiam a substância vaporosa com a qual nos dizem envolver o espírito. Na nota de Kardec que se segue, o próprio codificador expõe um pensamento que o leva a cunhar o termo. Ele nos diz que, assim como o gérmen de um fruto é coberto pelo perisperma, de modo análogo, o espírito é coberto por um envoltório que, por comparação, pode ser conhecido como perispírito.

Portanto, a substância já existia. Os espíritos superiores apenas responderam a uma pergunta do codificador sem nomeá-la. Kardec, entretanto, para fins educativos e práticos, tratou de buscar um termo que fosse capaz de exprimir a significação desta substância, para que a compreensão geral fosse facilitada.

De maneira similar, ocorreu com o termo “carga energética anexa” cunhado pelos doutores Brill, Freud e Jung.

Mas se já existia, por que não foi trazida à Terra na oportunidade da codificação por Allan Kardec? Por que os espíritos não disseram nada a respeito, se abordaram tantos temas?

Porque entre os anos de 1855 e 1857 não haveria como o conceito de carga energética anexa ser compreendido; porque não era o momento propício; porque o próprio irmão Jesus falava por parábolas para facilitar o entendimento dos povos; porque o irmão Jesus explicou aos apóstolos que a

eles foi dado o conhecimento dos mistérios do reino dos céus, mas não aos demais. E isto significa que nem todos poderiam compreender suas ideias e conceitos mais complexos, por isso não era o momento de explicá-los; porque a codificação espírita já foi um grande avanço em entendimento e uma grande revolução cultural e filosófica, portanto não poderia abordar tudo o que se passa na espiritualidade, pois já haviam muitos novos termos e conceitos para serem assimilados; porque o termo “perispírito” já configurava em enorme descoberta, portanto, adicionar outro termo ainda mais complexo e detalhado poderia ser ineficaz e até mesmo representar um fator de rejeição às novas ideias, tamanha complexidade de suas explicações; porque, primeiro, o homem deveria se acostumar com tudo o que lhe era apresentado, para depois avançar em novos entendimentos; porque assim a educação é feita. Não se aprende equações junto com os conceitos de adição e subtração; porque esta força foi atentamente estudada por três nomes da ciência da mente, os quais entenderam que ela poderia ajudar na ampliação das questões acerca da Psicologia e, esta, apenas teve seu advento no século seguinte à codificação.

São muitos motivos que podemos encontrar. Mas a principal resposta a tais perguntas seria um questionamento:

Os homens realmente acreditam que tudo foi apresentado na codificação e não há mais nada entre o céu e a terra a ser revelado?

Se a resposta for não, poderemos supor que Deus expõe e explica o que lhe convém e quando lhe convém. Desta maneira e a partir deste entendimento, igualmente teremos a resposta aos questionamentos iniciais.

Após as breves e necessárias considerações iniciais deste capítulo, podemos seguir com as explicações sobre as bolhas energéticas, a começar pela motivação de sua observação e conceituação.

Enquanto encarnados, obviamente antes que os estudos na espiritualidade pudessem ser realizados, os homens de gênio acima citados foram cruciais para feitos importantes em psicologia e psicanálise. Entre tantos marcos, um deles foi o surgimento dos complexos.

Sem nos determos em matérias sobre a história da psicologia e, de maneira resumida, podemos dizer que a partir de suas observações sobre experiências de associações e da leitura da obra “A Interpretação dos Sonhos” de Sigmund Freud, Carl Jung começou a se preocupar com a temática dos complexos, debruçando-se sobre essa questão. Jung percebeu que havia um conteúdo emocional nas experiências de associações que, até aquele momento, não era devidamente observado.

Tal conteúdo, oculto da consciência do indivíduo, seria formado por complexos de ideias carregadas de intensa carga afetiva. Jung, então, os denominou complexos afetivos. A partir daquele momento, a psiquiatria interpretativa dava seus primeiros passos.

Durante três anos seguidos, entre 1906 e 1908, Jung publicou trabalhos pertinentes ao tema, de maneira a introduzir a palavra “complexo” ao vocabulário da psicologia. Uma das principais características dos complexos, segundo o próprio Jung, é a autonomia. E quanto mais inconsciente, mais autônomo será em relação à consciência.

Portanto, os complexos são aglomerações de material psíquico dotados com alta afetividade. Esta carga emocional intensa somada à autonomia, pode conferir ao complexo uma condição de unidade viva, independente da consciência do indivíduo.

Como narrado acima, quando Jung, Freud e Brill estavam juntos na espiritualidade, iniciaram um processo de revisão sobre os temas existentes em psicologia e em seus próprios trabalhos neste campo. Motivados por tais revisões, passaram a tomar contato com a *“existência de forças que vão além do entendimento racional do indivíduo encarnado e que se relacionam com as questões psicológicas”* (Brill, 2014).

Uma dessas forças com as quais se depararam se encaixava na revisão dos estudos, fornecendo material suficiente para ampliar o que já se conhecia na questão dos complexos. Essa força foi denominada de carga energética anexa e sua característica de forte autonomia chamou a atenção dos pesquisadores.

Dr. Brill nos compartilha que foi Jung quem percebeu que as bolhas energéticas são unidades vivas, tal como os complexos.

*“Consideramos que o complexo é a resultante do somatório das bolhas pretéritas associadas ao problema da atual encarnação”* (Brill, 2014).

Portanto, rapidamente o grupo de pesquisadores entendeu que o conceito de complexo poderia e deveria ser revisto e ampliado, considerando a reencarnação como premissa e adicionado da força denominada carga energética anexa ou bolhas energéticas.

Novamente recomendamos a leitura de uma das obras resultantes de tais esforços em conjunto destes três ícones: Psicologia Junguiana Sob o Olhar Espiritual Aprofundado.

Desta forma, a motivação para a conceituação e descrição das bolhas energéticas foi a revisão do estudo dos complexos afetivos, como desenvolvido por Dr. Jung enquanto encarnado.



Importante salientar que a aplicação do conceito de bolhas energéticas à Terapi Surga é posterior a tais estudos. Entretanto, a força que carrega informações pretéritas, características autônomas, dotada de fortes emoções e com intensa significação, sempre existiu e fez parte da jornada energética pelos corpos que compõem o ser.

Uma bolha energética, tal qual conceituada por nosso estimado amigo Dr. Arden Brill, é um aglomerado de informações pretéritas, carregadas de emoções fortes e intensamente significativas para o indivíduo e nela estarão uma ou mais patologias.

Portanto, uma bolha energética pode, em primeiro momento, confundir-se em conceito com os registros perispirituais. Contudo, como tratado em um capítulo anterior, todos os sentimentos, emoções e impactos no corpo físico são registrados no perispírito. Absolutamente tudo, alegrias e tristezas, dores e felicidade, assim como doenças e deficiências físicas ou mentais. Algumas dessas emoções foram tão significativas e carregadas de fortíssimas emoções que, além dos registros no perispírito, geraram também uma carga energética anexa, ou bolha. Trata-se de um segundo registro motivado pelo impacto causado pelos eventos vividos.

O registro adicional ao perispírito é justamente quem confere a característica autônoma à bolha, à

semelhança dos complexos. Algo foi tão significativo e intenso que culminou na geração de uma carga energética anexa ao espírito e, por consequência, ao perispírito. Isso é uma marca, como um selo, dos eventos daquela existência.

Essa marca assume o arquétipo que dominava o indivíduo durante os eventos que a produziram. É isso que lhe confere personalidade e disto deriva sua autonomia.

Por ter personalidade própria, por assim dizer, uma carga energética anexa tem vocabulário e costumes igualmente próprios. Na realidade, a personalidade, vocabulário e costumes são heranças de uma existência do espírito. Mas, em encarnações adiante, o mesmo espírito que animou o corpo físico da personalidade da bolha, tem nova oportunidade para animar outro corpo físico, com cultura, condições e escolhas diferentes. E, em teoria, pode ter aprendido suficiente para pensar diferente de antes, na existência que motivou a bolha. Mas, na prática, ainda pode ter dificuldades para tomar as escolhas certas e as manter de maneira a superar, de fato, as más tendências do passado. Neste ponto a bolha pode se fazer notar, inclusive, em alguns casos, sendo percebida como uma entidade à parte, como um espírito obsessivo, com ou sem jornada energética pelos corpos.

Como dissemos no início deste capítulo, o Espiritismo não contava com este conceito desde

sua formação, o que fez com que a prática espírita não tivesse ferramentas suficientes para diferenciar um espírito consciente, comunicante e alheio ao indivíduo, de uma projeção inconsciente do próprio espírito. De maneira que muitas bolhas foram tratadas em centros como espíritos obsessores à parte da consciência do indivíduo, uma vez que se comunicavam e apresentavam ideias que pareciam próprias, mas, em realidade, eram ideias daquele espírito enquanto encarnava aquela personalidade. Mas, com o tempo e as encarnações, as ideias perderam força na teoria, o que faz parecer que aquelas ideias não podem ser do encarnado que ali está. E é exatamente isso que causa a diferenciação e dá a característica de autonomia.

A bolha representa um grupo de ideias que se congelou no tempo. Uma filosofia que não avançou, se atualizou ou foi revista, justamente por estar dentro de uma bolha, sem contato com o exterior.

Portanto, imagine alguém que foi mau caráter em alguma existência e gerou uma bolha com tal personalidade. Posteriormente, teve passagens pelo plano espiritual, onde estudou e teve aprendizados. Igualmente teve encarnações, onde conseguiu colocar em prática algumas teorias aprendidas na espiritualidade. Tal espírito não mais possui as ideias de um mau caráter em seu consciente, mas enquanto encarnado, pode deparar-se com ideias diferentes das suas e isto lhe soará como alguém à

parte de si, justamente por não compactuar com as ideias. Isto porque a personalidade do mau caráter está parada, congelada no tempo dentro da bolha, o que não ocorreu com o espírito, que se modificou através de possibilidades de estudos e aprendizados teóricos e práticos.

No entanto, a bolha ainda está anexada. Significa dizer que o mau caráter não foi totalmente superado. E, se tal bolha está surgindo, significa que é o momento propício para tratamento.

Todavia, mesmo tendo produzido bolhas, é possível que o espírito possa superá-las sem que sofra as ações destas em alguma encarnação. Caso o espírito tenha aprendido e vivenciado o que conheceu na teoria, a bolha pertinente a tal questão será dissolvida sem que o confronto direto entre a carga energética anexa e espírito consciente aconteça. Entretanto, advertimos que este caso é muito raro, pois uma vez criada a bolha, significa que uma energia muito potente está presente e, sendo assim, não poderá ser dissolvida com intensidade menor do que foi criada.

Diante ao exposto, concluímos que a força para correção precisa ser, no mínimo, igual a de criação. Considerando que, em sua maioria, os espíritos atualmente vinculados ao planeta Terra possuem inclinações ao mal, em contrapartida ao bem, entendemos que os esforços para gerar uma energia tendente ao mal é mais fácil que gerar uma ligada

ao bem. De maneira geral, significa dizer que a produção de uma energia voltada ao bem em intensidade igual a outra com más tendências é tarefa difícilíssima, que pode durar séculos e várias encarnações para conseguir ser cumprida, sem que tal confronto entre espírito e bolha ocorra. É justamente por isso que o padrão, no que tange a espíritos vinculados à Terra, é que as correções existam em momentos em que as bolhas se manifestem.

Contudo, elas apenas se manifestam quando são “instigadas” pela mente consciente ou inconsciente e o espírito deu passos consistentes em direção à correção. Em outras palavras, haverá merecimento por parte do espírito para que sofra a ação da bolha e, com tal ação, tenha a oportunidade para corrigir atitudes do passado.

Sim, sofrer a ação de uma bolha é uma dádiva. Significa que houve progresso suficiente e que há forças no indivíduo capazes de fazê-lo superar a carga energética de maneira a desanexá-la de seu espírito, dissolvendo-a, portanto.

Deus nos dá o peso ao qual podemos suportar. Ou seja, não adianta uma bolha se manifestar sem que o indivíduo tenha condições de superá-la. É por tal motivo que as cargas energéticas apenas são percebidas quando há capacidade e entendimento suficientes para que haja êxito. Portanto, quando algo similar acontecer, agradeça em primeiro lugar,

pois é Deus lhe dizendo que há uma oportunidade para que dê um passo adiante. Aproveite.

Quando uma energia contida em uma bolha é vinculada a energias que fazem a jornada pelos corpos e há fluxo e continuidade, algo muito poderoso ocorre e a manifestação da bolha, enquanto personalidade, poderá ser provocada de maneira muito clara e eficiente.

No entanto, como dito anteriormente, tal energia ou bolha poderá ser confundida com um espírito obsessor.

Caso o indivíduo procure um centro espírita e passe por uma sessão de preces por desencarnados ou mesmo de desobsessão, a bolha poderá manifestar-se através de um médium, com vocabulário próprio e, caso haja um vidente no recinto, a imagem que ele verá do suposto espírito, será da projeção do corpo físico da encarnação de quando a bolha foi gerada. E, como as ideias trazidas por essa manifestação destoará das ideias conscientes da pessoa que procurou ajuda, ou seja, o espírito encarnado onde a bolha está anexada, a carga energética dotada da característica de autonomia, facilmente será confundida como um espírito obsessor.

Dentro de um centro espírita sério, em uma sessão séria, com médiuns igualmente sérios, as orientações a essa manifestação energética podem

iniciar um processo de correção, que poderá surtir efeito com o tempo através das ações do próprio indivíduo, onde ele poderá evidenciar diferenças consideráveis entre o que foi armazenado na bolha e suas atuais condições e pensamentos, de maneira a iniciar o processo de dissociação de tal carga energética.

Contudo, caso o indivíduo não procure um centro espírita, por motivos que possam ser, inclusive, não ser membro da religião espírita ou mesmo de alguma religião espiritualista, a bolha pode manifestar-se, de maneira que ele se perceba como obsediado, caso o entendimento seja pelo viés espírita. Ou mesmo poderá perceber-se como endemoniado, perseguido por espíritos ou posseso de alguma maneira, dependendo do prisma de entendimento pelo qual se observe.

Em todo caso, sem atenção e cuidado, a bolha poderá não ser tratada devidamente e, na melhor das hipóteses, voltar ao estado de anexo, sem provocar ação no indivíduo.

É de suma importância entender que uma bolha energética não é uma entidade que busca acossar o indivíduo. Ao contrário, pode sim ser chamada de entidade, se considerarmos sua autonomia como característica predominante. Mas uma entidade que, ao surgir e ser percebida pelo encarnado, carrega em si oportunidades de melhoria através de possibilidades que podem ser geradas devido ao

intercâmbio com suas energias represadas, muitas vezes por séculos. A arrogância, em geral, impede que seja visto algo que é parte de si mesmo.

Outro ponto importante a ser considerado, é que as bolhas, apesar de terem patologias contidas em si, podem ser benéficas dentro do processo da jornada energética, dependendo de sua natureza e de quais motivações geraram os pensamentos que, por sua vez, geraram as energias que percorrem os corpos.

Um espírito que tenha uma bolha relativa a desvios no campo sexual envolvendo pagamento pelos atos, ao ter tal bolha ativada em sua atual encarnação, pode desenvolver doenças transmitidas sexualmente. Contudo, se a personalidade daquela encarnação que gerou a bolha tenha sido marcada pela obstinação, força de vontade, perseverança e garra diante aos desafios e dificuldades da vida, essas características podem ser úteis na atual encarnação, visto que acompanham a energia anexada ao espírito. E apenas acompanham porque são caracteres muito fortes daquela personalidade. Não se tratava de uma meretriz simplesmente. Era uma mulher forte, decidida e com opiniões e personalidade marcantes que não se deixava derrotar em nenhuma situação, lutando por seus direitos e por sua dignidade. Uma bolha nunca possui apenas um traço de personalidade. Os mais fortes ajudam a compor a carga energética e os mais fracos, não fazem parte de sua composição.



Significa dizer que a atual personalidade pode ser impactada pelos desvios sexuais. Mas caso os pensamentos que geraram as energias que circulam pelos corpos, sejam relativos a ter coragem para conquistar algo ou perseverança para superar obstáculos difíceis, ao passar pelo corpo causal, tais energias se associarão com a bolha, de maneira que as demais energias correlacionadas à coragem e perseverança serão vinculadas às energias originais, sem que a corrente energética pertinente aos desvios sexuais seja atrelada na jornada, pois as motivações dos pensamentos não eram pertinentes a sexo e suas manifestações.

Uma bolha, mesmo com desvios e patologias associadas, pode conter características benéficas à atual personalidade.

Mas essas patologias associadas à bolha podem necessariamente se manifestar no corpo físico? E por que há sempre uma patologia associada?

Apesar das bolhas serem formadas através de cargas emocionais intensas e significativas para o indivíduo, isso não representa necessariamente que tais cargas sejam sempre negativas, mas na maioria dos casos é mesmo assim. Os espíritos ligados à Terra são mais suscetíveis a serem impressionados pelo que lhes amedronta e atemoriza do que pelas belas e doces sensações divinas, como a esperança e o amor. O medo é um grande gerador de energia.

Alguém que foi mau caráter, por exemplo, carrega o medo de ser trapaceado, de ser enganado ou que descubram a verdade a seu respeito, caso sua índole não seja de conhecimento público. O mau caráter teme que encontre em seu caminho alguém mais desleal, traiçoeiro e habilidoso para iludir que ele próprio. O tempo todo, o mau caráter teme perder o que ganhou através dos golpes e das fraudes.

Todos esses receios já poderiam formar uma bolha. Mas, geralmente, as bolhas são formadas em decorrência a uma situação extrema dentro do cenário de medo que permeia a vida do indivíduo. No exemplo do mau caráter, ser vítima de um golpe financeiro pode ilustrar o que desejamos explicar.

As doenças que possam surgir em decorrência do baque sofrido, certamente terão suas energias acrescidas à bolha. E mesmo que não existia o surgimento de doenças, as energias de algumas patologias relacionadas ao mau-caratismo podem ser acrescidas.

Alguém que possui uma bolha do mau-caráter pode vir a ser um mentiroso compulsivo, caso tenha mentido para conseguir realizar fraudes.

Igualmente, poderá desenvolver bipolaridade, caso tenha assumido várias personalidades para iludir suas vítimas.

O mau-caratismo pode se desenvolver de muitas maneiras, portanto essas são apenas duas patologias mais óbvias para explicar um ponto.

Todavia, patologias causadas em outros através de seus golpes podem ter energias associadas às bolhas. Por exemplo, caso o mau-caráter tenha aplicado um golpe financeiro em alguém e este foi vítima de ataque cardíaco fulminante, a energia de problemas cardíacos pode ser associada na bolha do mau-caráter.

Portanto, como nos conceituou Dr. Brill, nas bolhas estarão uma ou mais patologias.

Uma bolha pode formar-se por eventos intensos e significantes através do amor e permanecer anexada ao espírito do indivíduo por muito tempo, como fosse um espírito protetor e ter suas energias dissociadas quando vinculadas a outras durante a realização da jornada pelos corpos. Nesse caso, não haverá patologias, como conceito.

Dr. Brill analisou os casos em que as bolhas são necessariamente decorrentes de energias negativas.

Os casos de bolhas formadas pelo amor, por exemplo, são raríssimos. Ainda assim, podem redundar em situações delicadas ao indivíduo.

Alguém que possa ter uma bolha ligada ao amor, à bondade e à caridade, certamente é uma

pessoa desinteressada materialmente. Quando, em encarnação posterior, essa pessoa seja arrimo de família e a bolha do amor se manifestar, esse indivíduo pode encontrar dificuldades em fornecer financeiramente do que sua família necessite, justamente pela característica do desinteresse material impactar na encarnação.

Que os leitores entendam que não há críticas ao desinteresse material. Entretanto, dentro do cenário exposto, em uma encarnação onde pessoas dependam financeiramente de seus esforços, não ter interesse em conquistar resultados financeiros pode ser um obstáculo, mas somente naquela situação específica da encarnação. Evidentemente, no que tange à evolução espiritual, certamente o indivíduo terá logrado bastante êxito.

É muito comum ouvirmos que há pessoas “boas demais”. Sempre escutamos alguém dizer que um terceiro é uma pessoa “boa demais”. Isso não é um defeito. A ausência de malícia é um indicador de certo grau evolutivo. Mas, aos olhares do mundo, ser bom demais pode ser um problema, porque sem a malícia, o indivíduo pode não conquistar o que o mundo lhe diz que deve, por isso esses “olhares” serão de reprovação.

Mas, evidentemente, por piores que sejam as tribulações financeiras de uma encarnação devido à falta de malícia, ao desinteresse material ou a ser “bom demais”, a evolução espiritual alcançada

enquanto ser sobrepuja as provações do caminho e recompensa no porvir.

E quanto às patologias associadas, elas necessariamente irão se manifestar no corpo físico?

Um pouco mais acima neste mesmo capítulo, dissemos que é possível que uma bolha não se manifeste no indivíduo, mesmo isso sendo muito difícil de acontecer. Então, sabemos ser possível superar a energia anexada em uma bolha através da geração de energias tão poderosas quanto, mas direcionadas a boas resoluções. Com isso, as cargas contrárias se anularão e a energia da bolha irá dissociar do indivíduo.

Dissemos também que a bolha pode manifestar-se a ponto de ser confundida com um espírito obsessor e o processo de dissociação se iniciar dentro de um centro espírita sério ou mesmo com boas atitudes por parte do encarnado. Ou ainda, a bolha pode manifestar-se e voltar ao estado de anexo sem provocar ação no indivíduo.

Mas a pergunta que desejamos responder se aplica aos casos em que a bolha se manifestou, ou seja, as energias anexadas foram liberadas e estão agindo sobre o indivíduo por tempo considerável. Sabendo que em uma bolha há uma ou mais patologias, elas necessariamente irão se manifestar no corpo físico?

A resposta é não. Significa dizer que as energias de uma bolha podem afetar as ações do encarnado sem que as patologias nela contidas sejam manifestadas no corpo físico. No entanto, o mais comum é que as doenças surjam a partir das bolhas. Algo já foi dito sobre prevenção de doenças e processos saudáveis no capítulo anterior. Entender o exposto naquelas páginas é fundamental para, entre outras prevenções, evitar que as patologias contidas em bolhas, cujas energias foram liberadas, sejam manifestadas no corpo físico.

Acreditamos que um capítulo em um livro não seja o suficiente para tratar todos os complexos pormenores das cargas energéticas anexas, sendo necessário um livro inteiro, talvez mais, até mesmo de autores espirituais distintos, para que os conceitos sejam bem abordados e explicados, com prismas de entendimento diferentes em relação ao ponto de observação.

Contudo, concordamos que este capítulo é uma razoável introdução ao desenvolvimento do tema, visto que sua apresentação foi feita por nosso colega, Dr. Brill na já citada obra “Psicologia Junguiana Sob o Olhar Espiritual Aprofundado”. E, fundamentalmente, este capítulo trás informações suficientes para o desenvolvimento deste livro e fornece subsídios necessários para o melhor entendimento dos leitores sobre as nuances da Terapi Surga.

## **Induções Espirituais: Aceitando e Repelindo Pensamentos**

Como mencionado em momentos anteriores, quando da explicação da jornada energética pelos corpos e da origem dos pensamentos, alguns destes podem ser motivados por ações e mesmo por sugestões alheias, através de atos ou palavras. Muito do que os encarnados pensam pode ser fruto de estímulo contrário a seus interesses de momento. Mas não apenas de espíritos desencarnados, assim como de outros encarnados. Ambas as formas de indução são perigosas e precisam ser alvo de atenção, contudo, neste capítulo, trataremos das induções espirituais, em outros termos, oriundas de espíritos desencarnados.

Quando algum encarnado nos diz algo, é possível pôr em prática a razão e argumentar a respeito, tendo em vista quem é nosso interlocutor, em qual cenário e contexto a informação está sendo passada e ainda sondar quais as motivações que o levaram a dividir o que nos diz. Isso porque, nesse caso, atuamos de maneira consciente e podemos livremente criticar o que está sendo compartilhado. Além disso, podemos refletir a respeito para entender os matizes do ocorrido. É igualmente verdade que, mesmo tendo todas as possibilidades conscientes para tais análises, alguns encarnados apenas aceitam o que lhes é dito. Mas a

oportunidade de análise crítica e consciente existe. O que é mais difícil em termos espirituais.

Nos casos em que as sugestões partem de espíritos desencarnados, muitas vezes o indivíduo não tem a possibilidade consciente de entender o que se passa, de forma a acatar inconscientemente o que lhe está sendo induzido.

Isto posto, entendemos que os perigos da indução espiritual podem ser maiores, visto que as sugestões de caráter encarnado são, em maioria, tratadas e recebidas de maneira consciente, o que, em linhas gerais, possibilita o raciocínio e a crítica, o que pode não existir nas induções espirituais. Salvo o encarnado conseguir identificar o que lhe é ventilado por entidades desencarnadas, não poderá questionar as origens, podendo confundir as sugestões alheias com seus próprios pensamentos.

É justamente o ato de identificar as origens de uma ideia que direciona um pensamento crítico, no caso de tentativas de indução. Se alguém de má reputação nos diz algo de caráter duvidoso, dificilmente aceitaremos tal sugestão. Mas, se um espírito de baixa vibração, ou seja, de igual má reputação, nos sugere algo igualmente duvidoso, corremos o risco de aceitar, principalmente se acatarmos a ideia como nossa. Uma vez que aceitamos uma sugestão e a entendemos como própria de nosso raciocínio, a analisaremos com outros filtros, muito mais brandos e sem o olhar



duvidoso, que certamente teríamos em relação ao conteúdo trazido pelo encarnado de má reputação. Pois, sendo nosso conteúdo, tentaremos encontrar um sentido ou motivos que validem tal pensamento, como uma chancela. Em razão disso, os espíritos desencarnados tratam de “polir” suas induções com um verniz pseudológico, onde as mensagens podem aparentar terem sentido, mas, em verdade, não passam de afirmações e conclusões absurdas. Contudo, por terem aparência lógica e por serem aceitas como próprias, as mensagens são mais bem recebidas e passam por análises internas na mente consciente de maneira acolhedora, o que facilita sua total aceitação e, posteriormente, até mesmo disseminação.

Aceitas como próprias, as mensagens induzidas produzem outros pensamentos que, por sua vez, irão gerar energias que farão a jornada pelos corpos.

No capítulo IX de “O Livro dos Espíritos”, há um segmento com subtítulo “Influência Oculta dos Espíritos em Nossos Pensamentos e Atos”. Da pergunta número 459 até 464, muito podemos retirar de informação e orientações para estudarmos a este respeito.

Além da confirmação da influência dos espíritos desencarnados nas ações dos encarnados, estas questões versam sobre os pensamentos sugeridos, afirmando que são mais comuns do que se possa

imaginar. Evidente que no momento da codificação espírita, não havia o nível de conhecimento atual. Portanto, a afirmação sobre as sugestões espirituais foi mais estarrecedora do que na atualidade. No entanto, podemos afirmar que ainda há muita desinformação a respeito.

Todavia, diante à existência das sugestões espirituais, há a grande benesse divina nestes casos: o poder da escolha a partir do discernimento.

Como dito acima, quando recebemos sugestões vindas de encarnados, automaticamente colocamos a razão em prática e podemos conscientemente suspeitar das informações recebidas. Entretanto, isso se torna mais difícil quando recebemos sugestões que podem nos parecer pensamentos próprios. Mas devemos, sim, questionar o que nos passa na mente, mesmo que aparentemente seja conteúdo próprio. Essa é uma das principais recomendações quando se trata de induções espirituais: utilizar o bom senso e o livre-arbítrio.

Os valores que cada indivíduo possui aliados à razão crítica, são determinantes para aceitar ou não uma sugestão.

Primeiramente, é necessário entender que as afinidades mentais nutridas durante toda a vida encarnada são preponderantes e as sugestões serão feitas seguindo-as. Portanto, se há boas inclinações, a maior parte das sugestões será feita a partir desta

premissa. Mesmo assim, ainda haverá a tentativa de indução para caminhos tortuosos, de acordo com inclinações de baixa vibração energética. Em vista disso, é possível concluir que as sugestões, em sua maioria, seguirão o que há de valor dentro do encarnado para que exista maior taxa de aceitação.

Posterior a isso, é importante frisar que, mesmo que um pensamento induzido nos pareça próprio e que tenhamos boas inclinações, devemos sempre ponderar a partir de nossos valores. Nos parece correto? Nos parece justo? Nos parece bom? Nos parece saudável? Nos parece lícito dentro dos ensinamentos evangélicos do irmão Jesus?

Se as respostas forem negativas, não devemos seguir as sugestões e saberemos que não são pensamentos feitos por nós, uma vez que fomos capazes de formular perguntas e respondê-las a partir de nossos próprios valores, de maneira que não poderíamos criar pensamentos sérios que fossem contra o que acreditamos e defendemos como filosofia.

Ainda que nos vejamos em momentos críticos ou atuando através de atos desesperados, e nestes cenários exista a criação própria de pensamentos destoantes de nossos valores, devemos ter a clareza mental para questioná-los a partir da oração voltada ao Pai.

Outro ponto crucial a ser destacado refere-se ao fluxo de pensamentos.

Como já explicado anteriormente, é muito importante que exista um fluxo contínuo de pensamentos voltados ao que se deseja alcançar. De maneira que as energias geradas a partir destes percorram os corpos sutis continuamente.

Nosso irmão Miramez nos traz sua sabedoria quando diz que há intervalos entre os pensamentos e que quanto mais evoluído for o espírito, menor serão tais intervalos. E, complementando, afirma que as sugestões espirituais são feitas justamente nos intervalos entre os pensamentos. Significa dizer que, quanto menos evoluído for o espírito, mais espaço para induções espirituais existirá em sua mente. De maneira que o pensamento contínuo é uma característica de espíritos elevados.

Como já explicado, uma sequência de bons pensamentos pode ser afetada por um único contrário. Este pode ter sido gerado nos intervalos, oriundo de induções espirituais.

Confiança em Deus é a primeira recomendação neste cenário. E, certamente, a prática do orar e vigiar, como nos ensinou Jesus, é a ação mais efetiva para identificarmos e banirmos os maus pensamentos provenientes de sugestões espirituais.

Enquanto houver amor nas ações e confiança no Pai e no que nos ensinou Jesus, uma porta pode até cair, mas a casa permanecerá de pé.

Obviamente as induções são muito perigosas e, por vezes, engenhosas. Mas elas não determinam o destino de quem as ouve. De maneira que ouvir uma indução não significa agir como sugerido. A partir do momento em que uma indução está na mente consciente de quem a ouviu, inicia-se um processo pautado pela responsabilidade moral e pelo autoconhecimento.

Certamente aquele que recebe uma indução possui valores e convicções. Ora, caso as sugestões sejam contrárias ao que ouviu, não podem ser provenientes de boas origens. Basta aplicar a máxima que nos ensinou nosso irmão Jesus: “pelos seus frutos os conhecereis”.

Assim como uma árvore boa não pode dar maus frutos, um bom espírito não pode sugerir maus conselhos. E tal distinção é feita a partir do caráter e das condições morais possuídas pelo indivíduo. É preciso ter responsabilidade moral sobre a escolha. Acatar ou não a indução é uma decisão que deve ser tomada.

A partir do poder de distinção sobre bons e maus frutos, o homem tem a capacidade para discernir sobre certo e errado, sobre acatar ou não um pensamento sugerido.

Em todo caso, em cenários onde as sugestões sejam demasiadamente mascaradas com verniz do bem e da verdade, utilizando-se de alegorias bem empregadas para disfarçar o sentido oculto, como um lobo vestindo a pele de um cordeiro, de maneira que se torne muito difícil distinguir a origem pelo conteúdo e a aplicação da máxima “pelos seus frutos os conhecereis” possa não ser proveitosa, mesmo nesses contextos, haverá solução através do autoconhecimento.

O indivíduo que verdadeiramente se conhece, provavelmente não se deixará enganar por induções espirituais. Isto porque possui ferramentas mentais para identificar um pensamento contrário ao que normalmente consideraria realizar.

O homem está a todo momento exposto a sugestões de espíritos desencarnados, sejam eles com boas ou más intenções; sejam eles superiores ou inferiores. Questionar as origens e analisar o conteúdo através de seus valores e moralidade é um dever e um exercício do livre-arbítrio que todos precisam realizar.

Quando alguém opta por agir a partir de uma sugestão maliciosa, está usando sua liberdade de escolha, mesmo que não tenha pensado a respeito, ou seja, agindo de maneira automática. Contudo, tem tanta responsabilidade quanto quem usou a crítica para analisar o pensamento sugerido. Uma vez que, agindo ou falando dentro do rol de opções

apresentadas pelas sugestões desencarnadas, o homem se vinculará à energia de quem lhe induziu os pensamentos.

Para agir e falar é preciso pensar antes. E tal pensamento produzirá energia que, por sua vez, fará a jornada pelos corpos.

Caso não tenha praticado a ação, mas apreciado a ideia e se comprazido na imaginação, também produzirá energia, sendo igualmente nociva e potencialmente comprometendo as energias que circulam pelos corpos.

A mente é uma usina poderosa e somos responsáveis por toda energia gerada a partir das nossas. Cuidar de nossos próprios pensamentos já é uma grande tarefa, mas distinguir aqueles que nos são sugeridos, aumenta bastante a responsabilidade. Entretanto, tal tarefa nos compele a evoluir através do discernimento.

Se para evolução do espírito a distinção dos pensamentos sugeridos fosse automática, Deus, em Sua Sabedoria, assim o teria estabelecido. Mas o Pai espera comprometimento de nossa parte através de valores e convicções, nas ações e nas palavras, iniciando sempre pelos pensamentos, sejam eles próprios os oriundos de induções espirituais.

## **Filosofias Espirituais Enquanto Falsos Profetas**

Como antecipado no capítulo anterior, quando um encarnado recebe informações provenientes de outro encarnado, possui a consciência do fato e pode analisar o que recebeu de maneira crítica e dentro de seus valores. Entretanto, nem sempre a postura analítica é adotada, de tal forma que o encarnado que recebe as informações, as toma como verdade sem contestação e sem refletir a respeito. Mas devemos nos atentar ao fato de que todas as preações adotadas para prevenir induções oriundas de desencarnados, no que tange à recepção de informações, devem ser igualmente praticadas quando o interlocutor estiver encarnado. Ou seja, em primeiro lugar devemos sempre utilizar o crivo da razão.

No capítulo anterior demos ênfase às induções vindas de espíritos desencarnados, neste trataremos das sugestões procedentes de encarnados. Todavia, atendo-nos às informações de cunho religioso disseminadas sem controle ou responsabilidade.

Toda vez que uma filosofia espiritual falsa é espargida e a acolhemos em nossas mentes como verdade, energias que transitarão pelos corpos serão geradas a partir destes pensamentos, de maneira a colidir com valores ou convicções já existentes e que igualmente possuem energias



realizando a jornada. Significa dizer que, caso as informações falsas atinjam níveis equiparáveis às das verdadeiras, as energias serão iguais e opostas, de maneira que se anularão, considerando os corpos sutis como campo neutro. Em conclusão, a inércia espiritual ou religiosa se dará em pouco tempo.

Acolher tudo o que se escuta em termos espirituais sem contestação é atravancar a própria evolução.

Não somos apologistas das purezas doutrinárias, assim como não impomos restrições. Ao contrário, apoiamos posturas que busquem a abertura mental para realidades inexploradas e conhecimentos ainda não adquiridos. No entanto, com responsabilidade, prudência e coerência, sempre criticando a partir de valores baseados em moral, justiça e amor. Assim sendo, entendemos que acolher informações sem promover os devidos questionamentos, validações, argumentações, estudos ou análises é fator contribuinte para o atraso espiritual. Ao passo que acolher informações criteriosamente validadas é fator contributivo para a evolução enquanto ser, com força opostamente proporcional.

Isto posto, podemos entender que uma falsa filosofia ventilada como verdade é ela própria um falso profeta. Comumente, atribui-se à figura de um homem o título de falso profeta, de maneira a personificar as inverdades e falácias. Contudo, o maior perigo está justamente na mensagem.

A energia liberada pela mensagem falsa aceita como verdadeira fará a jornada pelos corpos, promovendo dúvida, desconforto e, possivelmente, conduzindo a escolhas equivocadas.

A filosofia é o falso profeta e não o homem. Isto se deve ao fato do alcance que pode ter. A mensagem pode espalhar-se de maneira a que muitos a conheçam mesmo sem ter ouvido pelo primeiro homem que a divulgou. Mesmo que esse homem pare de contá-la, a mensagem pode seguir sendo transmitida por outros que a acolheram como verdadeira.

Atualmente na Terra há muitas possibilidades para comunicar uma mensagem e a maioria da população tem fácil acesso a tal comunicação, seja a emitindo ou recebendo.

Portanto, o homem precisa ter muito cuidado para não ser, ele mesmo, o veículo da filosofia carregada pela energia do falso profeta.

Através das facilidades de comunicação por meio digital, diariamente uma enorme quantidade de mensagens chega ao homem. Muitas delas divergentes entre si e outras tantas, até consoantes com a maioria, apesar de todas serem falaciosas. Dependendo das fontes, mesmo tendo contato com tantas mensagens, pode o homem não receber nenhuma que possua profundidade e verdades

contidas, falando apenas em mensagens de cunho espiritual e religioso.

A internet de maneira geral, especialmente as redes sociais, assim como a maioria dos programas de televisão, estão abarrotadas de mensagens tendenciosas, falaciosas ou mesmo conflitantes entre si. É muito raro ter contato com mensagens inteiras e isentas de interesses, visto que a maioria dos homens consome edições do todo, sempre tendenciosas a algum benefício de quem editou.

Mesmo assim, é amplamente divulgado e até mesmo fácil de encontrar, mensagens positivas, verdadeiras, educativas e que causem reflexão. Mas elas não estão em vídeos de trinta segundos ou de pouco mais de um minuto. Quantas palestras de dignos representantes do Espiritismo e de outras religiões estão disponibilizadas de forma gratuita, mas quão poucos são os que as assistem na íntegra, ou mesmo parcialmente.

É fácil transmitir uma falsa filosofia em vídeos de trinta segundos porque é uma mensagem fora do contexto, sem ligação com os argumentos do discurso e tendenciosamente editada. Ao passo que a íntegra de uma palestra fornece material crítico para que as mensagens contidas nela sejam aceitas ou repelidas. Há base para os questionamentos e ao debate. O que não ocorre em vídeos curtos, que possuem a finalidade de induzir a um pensamento sem permitir deliberação.

A internet e as redes sociais podem ser aliadas da educação espiritual, mas o bom senso de quem as utiliza precisa sempre ser aplicado.

O homem de bem é criterioso e sempre coloca seus valores à frente de qualquer atividade que vá realizar ou de qualquer informação que venha a ter contato. Seus critérios compreendem as noções de amor, justiça, caridade e irmandade. Somando-se a tais premissas, o homem voltado ao bem possui autoconhecimento, tornando automática a crítica ponderada a algo novo, segundo suas próprias referências e condições morais. Mesmo assim, tal homem pode ser enganado por filosofias belas na aparência discursiva, porém sem embasamento lógico ou mesmo moral que as sustente por muito tempo. Evidente que um homem de bem conseguirá entender a verdade, caso reflita a respeito. Sem embargo, ainda assim, poderá permanecer no equívoco até o fim de sua encarnação para, apenas posteriormente, ter total acesso aos meandros esclarecedores dos fatos.

Isto posto, a dificuldade em manter-se fiel aos fatos que abrangem as realidades espirituais é notória, no que tange informações propagadas entre os próprios encarnados.

Todavia, reconhecer Deus em nosso âmago é extremamente descomplicado, uma vez que não exige entendimentos semânticos complexos acerca de teorias ou filosofias. Basta acalmar e sentir. A

partir desse sentimento será possível validar algo como genuíno ou tendencioso. Contudo, irmãos, recordamos a todos que não devemos constituir juízo de nossos semelhantes. Mas, sim, devemos ser criteriosos com as informações com as quais tomamos contato a partir do sentimento que a certeza divina em nós garante.

Os antigos praticantes da Terapi Surga também enfrentavam os perigos da desinformação ou crença em filosofias e afirmações falaciosas.

O poder constituído na figura do pajé ou da majé simbolizava respeito e verdade. Contudo, pajés e majés eram espíritos em busca de evolução, como nós, com erros e acertos, portadores de falhas de entendimento, morais ou mesmo éticas. Neste sentido, em muitos casos, provocavam a crença em falsas afirmações nos integrantes da tribo.

Se um praticante da Terapi Surga estivesse convicto a curar-se de alguma doença que lhe acometia, teria a chance para tanto através dos rituais e da confiança no processo. Contudo, caso o pajé ou a majé, por falhas de interpretação, entendimento ou mesmo por desvio da conduta adequada, lhe garantisse o contrário, afirmando não haver chance de cura, a energia lançada para jornada pelos corpos seria direcionada à doença. Portanto, seria impossível que o restabelecimento da saúde acontecesse, pois a crença na afirmação do pajé ou da majé, assumindo a figura de falso

profeta, faria com que o integrante da tribo tivesse total descrença em sua recuperação.

Portanto, caso o praticante da Terapi Surga passasse a acreditar que ele mesmo não desejava sua cura, ela poderia não acontecer.

Uma das funções dos pajés e majés nos rituais da Terapi Surga era direcionar o praticante dentro de suas aspirações. Significa dizer que se o praticante desejava cura, o pajé ou a majé deveria dar-lhe orientações pertinentes a esse interesse, dizendo-lhe o que via ou sentia.

Antes dos praticantes iniciarem seus rituais, o pajé ou a majé se recolhia na tenda sagrada para entrar em contato com o que Surga poderia dizer a respeito do que viria a seguir. Portanto, caso o pajé ou majé sáísse da tenda sagrada e dissesse a algum praticante, antes de iniciar seu ritual, que não haveria chance de cura, pois que Surga havia lhe anunciado que o próprio praticante não a desejava, isto era uma sentença e não uma orientação. Pois assim, o praticante buscaria a doença e a morte para recolher-se a Surga, e não a cura.

O praticante acreditava que aquela afirmação era uma verdade escondida dele mesmo e que apenas a figura do pajé ou da majé seria capaz de receber tal informação vinda de Surga para que a ele fosse transmitida. Ou seja, seus pensamentos conscientes gerariam energias relativas à morte e

não à vida. Obviamente aquele era um cenário extremo onde a palavra do pajé ou majé não era questionada, sendo a única fonte de informação.

No mundo atual existem múltiplas fontes de informação, de maneiras variadas, utilizando-se de tipos diferentes de narrativas persuasivas. Significa que o confrontamento de informações para validar o que se recebe é viável e relativamente fácil. Entretanto, uma enorme quantidade de encarnados acredita na primeira informação que recebe sem checar as fontes ou questionar os motivos. Esses não são diferentes dos praticantes da Terapi Surga que acreditavam na palavra do pajé ou da majé. Apesar de inseridos em contextos absolutamente diferentes, a essência da experiência é idêntica. Esse é um fator que os conduzem a gerar energias através de ideias que lhes propostas e não de pensamentos próprios. Tais ideias são falsos profetas vestidos de filosofias.

Portanto, é necessário tratar com prudência toda informação recebida, analisando-a dentro dos critérios que o irmão Jesus nos ensinou, de amor, justiça, respeito e paz.

Como exposto nas poucas linhas deste capítulo e de seu antecessor, é possível perceber que os riscos de sermos enganados ou de nos enganarmos é extremamente alto. Basta uma fagulha de orgulho para que uma fogueira de vaidades se acenda e seja muito difícil de ser apagada. Basta uma incerteza

ou uma dúvida plantada na consciência, para que os alicerces de uma estrutura de valores sejam abalados.

Mas os antídotos existem e sempre existiram. Assim como os antigos praticantes da Terapi Surga, os homens da atualidade precisam de fé em Deus, em Seus mensageiros, no processo Divino de evolução e neles próprios. Nada é capaz de superar a fé nos propósitos divinos, assim como nada é mais forte que a humildade e a simplicidade, ao passo que o orgulho e a vaidade derrubam os mais altos prédios, construídos sobre a areia da insegurança.

Em muitos casos, o homem acredita em falsas filosofias apenas porque assim deseja, de maneira inconsciente. E assim é porque nele existe uma enorme vontade em ganhar espaço social em meios nos quais transita, para que receba as atenções que entende ser merecedor e que habitualmente não consegue ter, frustrando, assim, suas vaidades, que por isso não se manifestam, mas estão latentes.

Esse perfil de encarnado transita no mundo buscando holofotes para si, mas sem apresentar nada que justifique tal atenção alheia. Percebe-se, portanto, que a vaidade está pronta para ser acionada, bastando-lhe apenas o estopim.

Tal estímulo pode ser justamente uma falsa filosofia, cujo conteúdo pode ser tão sedutor por



seus matizes inovadores, que sua aceitação seja imediata, mesmo com todas as ressalvas que certamente se levantarão a respeito e sem que os devidos questionamentos sejam realizados.

Esse perfil de encarnado adotará tal filosofia e a difundirá porque entende que a partir dela terá os holofotes sociais que sempre quis e se julgou merecedor.

Isto posto, fica claro entender que o desejo em aceitar o que fosse, mesmo que inverossímil, sempre esteve inconsciente na composição mental do indivíduo. Portanto, na oportunidade mais propícia, a vontade emerge ao consciente, fazendo com que os filtros cognitivos sejam mais baixos para facilitar a acolhida da falsa filosofia.

É inegável, meus irmãos, que o homem, encarnado ou desencarnado, pode se iludir com o que for, desde que exista nele o necessário para tanto.

Esse receptor interno que possibilita a acolhida da ilusão, chama-se vaidade. E a força energética capaz de anular tal receptor, chama-se humildade.

Mas lembrem-se, meus irmãos: a humildade é uma escolha que precisa ser feita todos os dias.

## **Princípios de Cura e Regeneração**

Após as explicações dos capítulos anteriores, que nos servem de orientações preparatórias para este, poderemos seguir com os entendimentos, agora pertinentes às possibilidades de cura dos males que acometem o corpo físico.

Como já mencionado, o corpo físico pode ser entendido como um painel onde as deliberações energéticas oriundas da jornada pelos corpos sutis do ser se manifestam. Portanto, as doenças e as curas se iniciam na mente, através dos pensamentos originais que geraram energias que, a seu turno, realizaram a jornada pelos corpos, retornando com todas as associações feitas, potencializadas e direcionadas a um propósito.

Diante ao exposto, podemos concluir que os princípios de cura estão na mente, através do ato consciente de produzir pensamentos que possam gerar energias relacionadas à recuperação da plena saúde física.

Através de nossos estudos e observações, com espíritos encarnados e desencarnados, pudemos perceber que a maioria possui o conceito de que a cura começa na mente bem claro e definido, mas em teoria. Pois na prática, quando realizamos testes com desencarnados, solicitando que através de suas vontades pudessem obter melhoras em seus perispíritos, os resultados trouxeram outros dados.

Adicionando trabalhos similares de colegas e irmãos, pudemos concluir, por tais amostragens, que os espíritos atualmente vinculados à energia da Terra conhecem a teoria, mas não conseguem praticá-la de maneira satisfatória.

Portanto, motivados por tais resultados, unimos esforços e realizamos estudos adicionais que buscavam entender os motivos pelos quais a maioria dos espíritos atualmente vinculados à Terra não consegue colocar em prática a teoria que lhes está bem clara e definida.

Em contagem de tempo terreno, este trabalho ultrapassou um ano, quase alcançando a metade do posterior, sendo realizado em vinte colônias espirituais distribuídas pelo astral que cobre a terra, de maneira a abranger todos os continentes. Pouco mais de mil espíritos desencarnados participaram deste estudo. As crenças religiosas foram levadas em consideração, de maneira que as principais religiões fossem incluídas. Até mesmo a ausência de crenças foi considerada, pois um grupo de ateus durante a vida encarnada também participou. Este estudo não busca ser referência, mas apenas foi realizado no intuito de levar embasamento mais detalhado a futuros trabalhos voltados a tal entendimento em prol da humanidade. Vários testes foram realizados seguindo métodos conhecidos pelos desencarnados que atuam nesta área de pesquisa nas colônias espirituais devotadas ao bem.

Os resultados foram surpreendentes, pois apontam que o principal motivo que leva um espírito a não conseguir pôr em prática um conceito que lhe é claro é a falta de fé. E o percentual é ainda maior entre os religiosos.

A fé não é apenas confiança religiosa. A fé é uma crença que pode ser aplicada em qualquer área de atuação. Portanto, se alguém vai realizar um trabalho que nada tem relação com religiosidade e confia que pode fazê-lo, essa pessoa tem fé em si mesma. Ou seja, confia no processo, pois já o executou anteriormente, assim como os antigos praticantes da Terapi Surga.

Neste contexto mais abrangente do conceito de fé, fora dos aspectos da religião, o grupo de ateus demonstrou tê-la mais que os religiosos. Buscamos entender as razões e concluímos que os religiosos possuem os conceitos dogmáticos e doutrinários e entendem as teorias, mas deixam os resultados a cargo de Deus. Ao passo que os ateus, por não acreditarem que algo fora de suas consciências seria capaz de agir por eles, apenas tinham a si mesmos para promover alterações em suas vidas, portanto, deveriam ter fé neles próprios.

Os indivíduos pertencentes ao grupo de ateus obtiveram os melhores resultados. Dentre os religiosos, destacaram-se os espíritos residentes das colônias vinculadas ao continente africano.

Enquanto encarnados, os espíritos participantes vinculados às colônias situadas sobre a África eram integrantes de religiões originais dos países daquele continente que não sofreram modificações devido a algum tipo de intercâmbio cultural, não passando, portanto, por processamentos que as deixassem dentro de certos moldes.

Apesar do aspecto politeísta destas religiões, seus integrantes não depositavam — ou ainda depositam — toda responsabilidade nas divindades que se manifestam. Eles sabem das capacidades e poderes que tais divindades possuem, mas igualmente acreditam nas forças de realização que eles próprios também carregam em si, forças tais, oriundas destas mesmas divindades que cultuam.

A fé que trazem é um organismo vivo, dinâmico, pois sempre se altera, renovando-se e ganhando diferentes contornos que possibilitam formas alternativas para atuar em suas vidas e para interagir com o Divino, a fim de alcançarem seus resultados. É uma fé viva, de fato.

Os demais integrantes do grupo dos religiosos, os não-africanos, que demonstraram a falta de fé como principal motivo para não conseguirem pôr em prática um conceito bem definido em teoria, enquanto encarnados foram fiéis de religiões diferentes daquelas que os africanos praticavam. Estas religiões, apesar de proporem uma fé igualmente viva, não garantem poder de resolução

a quem as segue. Seus fiéis, portanto, estão sempre à espera do que “Deus proverá” e de como “Deus agirá”, deixando sempre tudo “nas mãos de Deus”.

Por conseguinte, a fé enquanto “vontade de querer”, como Kardec traz em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no capítulo intitulado “A Fé Transporta Montanhas”, não é exercitada por fiéis destas religiões, que se acostumaram a receber o que a divindade pode lhes dar, ao invés de buscar por eles próprios. Pois não se atentam ao fato de que buscar por eles próprios, não anula os poderes e capacidades da divindade que cultuam, sendo esta uma visão ocidental, muito engessada por padrões lineares de entendimento espiritual.

O segundo motivo revelado pelo estudo é igualmente surpreendente, pois indica para “falhas” na maneira de realizar preces que os indivíduos apresentaram.

Um espírito que enquanto encarnado era ateu, obviamente não realizava preces voltadas a alguma divindade. Mas o conceito de prece deve ser entendido neste contexto com acepções mais profundas do vocábulo.

A prece como entendida na Terra é comumente atribuída a fins religiosos, pois é direcionada ao Divino. Não obstante, a prece é um pedido e pode ser entendida fora do contexto da religião.

Mas sendo uma súplica, conclui-se que a prece é direcionada a alguém ou algo externo à consciência que a realizou, normalmente entendido como uma divindade.

É factível supor que ao pedirmos algo a alguém, significa que não podemos conquistar sozinhos o objeto de nosso pedido. Contudo, é igualmente factível que tenhamos totais condições de atingir sozinhos o que pedimos, mas por razões diversas, possamos estar temporariamente incapazes de tal realização. Em vista disso, o ato de pedir pode significar incapacidade prática ou praticidade — quando as capacidades existem —, porém pedir que outro execute é mais cômodo e oportuno. Portanto, podemos concluir que a prece é um pedido.

Os religiosos fazem pedidos a Divindades, ou seja, algo externo a eles próprios. E o que dizer dos ateus? Será que também fazem preces? Sim, mas não de acordo com a acepção religiosa. E não de maneira consciente. A prece realizada por um ateu é um pedido de sua mente inconsciente para sua consciência, como fosse seu interior pedindo capacidade de realização para o cérebro operante.

O inconsciente trata de questões que não estão percebidas pelos sentidos, por isso o corpo físico não entra em modo de busca de artifícios e ferramentas que possam resolvê-las. Então, pode-se dizer que a consciência não está agindo por não

saber do problema. Mas este já existe em nível inconsciente.

Portanto, quando um ateu faz uma prece, seu inconsciente está pedindo uma solução para sua mente consciente. Mas o cerne da questão ainda é desconhecido, pois somente existe em níveis inconscientes. Isto significa que a mente consciente inicia seu trabalho da busca por recursos antes mesmo de saber qual aplicação prática terão. Neste sentido, é quase como se executasse um pedido de algo externo a si mesmo. Caso as condições sejam conquistadas, no momento propício, os cenários aparecerão e o que estava inconsciente se revelará, mas como já existem recursos adquiridos, a solução estará encaminhada.

Significa dizer que os ateus possuem um modus operandi eficiente em que buscam resolver suas próprias questões, onde os pedidos são feitos para a mente consciente a partir de problemas ainda inconscientes.

Diante do exposto, concluímos que o ateu tem fé e sabe fazer preces, pois são objetivos diante às necessidades e, ao contrário dos religiosos, não aguardam soluções externas.

A prece do religioso é carregada de expressões de efeito, adjetivos bonitos, mas sem significação concreta. E diante ao rebuscamento da oratória, perde muito em eficácia, além de ser direcionada



conscientemente a algo externo, fato que lhe atribui um rótulo de incapacidade de realização, mesmo sem esforços que atestem tal inaptidão.

Todavia, mesmo sendo processos diferentes na aparência, guardam similaridades na prática.

Imaginemos um ateu que precise de coragem para vencer algum obstáculo, enfrentar dificuldades ou mesmo para ter êxito em empreendimentos. Mas seu consciente ainda não possui o conteúdo que lhe dará tal entendimento mapeado, de maneira que as informações ainda estão em seu inconsciente.

Neste caso, a prece ou pedido, será realizada por sua mente inconsciente para sua mente consciente. E o pedido será por ferramentas que possibilitem o acréscimo de coragem. Dentro de período mais ou menos longo, dependendo de diversos fatores, o consciente entenderá que passar por determinadas situações que lhe causem medo será inevitável. Invariavelmente, algum tempo à frente, poderá surgir algum convite, que talvez não possa recusar, para realizar alguma atividade que lhe cause medo.

É importante frisarmos que o inconsciente conhece as condições reais do indivíduo em relação ao perigo e ao possível cumprimento da atividade, não lhe proporcionando desafios aos quais não possa suportar.

Ao aceitar o convite e participar da atividade, o indivíduo poderá experimentar um acréscimo de coragem juntamente com ganho em confiança.

A imagem que possui de si mesmo mudará de maneira positiva e ele terá mais firmeza em relação à sua coragem.

Diante desse cenário favorável, a situação que estava inconsciente e que sempre foi o motivador da prece da mente inconsciente, poderá emergir para a consciência, pois a coragem necessária já existirá.

O pedido foi por recursos que conduzam à coragem, em outros termos, situações que causem medo para que, através do enfrentamento, possam conduzir a seu acréscimo.

O pedido não foi por coragem, uma vez que ela não surgirá sem ser resultante de um processo. É preciso, portanto, adquirir as ferramentas certas que conduzam a situações que estimulem a geração de coragem, através do medo, seu oposto.

Quando um religioso pede coragem para Deus, igualmente não a receberá como um dom. Ao contrário, entende-se que Deus proverá situações que provoquem medo, para o consequente estímulo da coragem.

Quando pedimos paciência a Deus, receberemos situações que instiguem a cólera em nós. Quando pedimos força a Deus, receberemos situações em que seremos levados à exaustão, pois assim, através do esforço, ganharemos maior resistência.

O processo é similar. Contudo, o religioso pede para algo externo a si mesmo, ao passo que o ateu pede internamente, pois não acredita na existência de algo que lhe seja externo. Mas, nos dois casos, o pedido será atendido através de situações que estimulem a obtenção do que se pediu e através dos próprios méritos, não sendo uma dádiva recebida sem esforços.

Desta forma, o religioso terá de se movimentar e enfrentar situações adversas para conquistar o que pediu, assim como o ateu. A diferença está no entendimento sobre os fatos e na clareza do processo. O religioso entende que Deus lhe deu, enquanto o ateu sabe que foi ele quem conquistou.

Obviamente, sabemos que o Pai nos dá o que quer e quando quer, se assim desejar. Portanto, não estamos nestas páginas professando o contrário, quando dizemos que pela ação de nossa vontade conquistamos objetivos. Deus nos deu a vida e habita em nós, de certo modo. Como poderíamos, então, dizer que apenas nós somos os agentes de transformação? Contudo, é possível que sejamos.

E para situações como das mencionadas neste livro, a ação de nossa vontade é altamente exercida e livre para atuar. Neste ponto recordamos sobre o conceito de livre-arbítrio. O homem é livre para fazer escolhas dentro de um caminho igualmente escolhido. Mas nada o impede de fazer escolhas diferentes para que igualmente mude o caminho, de maneira que outras tantas novas possibilidades possam se abrir e novas opções de escolhas possam surgir destas.

Todavia, podemos entender a espera do homem pela ação de Deus como fator de engessamento, tal qual um vício. Fator que os ateus obviamente não apresentam. E foi exatamente esse, o fator que contribuiu para que, por um lado, os religiosos não conseguissem pôr em prática um conceito claro em suas mentes e, por outro, os ateus obtivessem melhores resultados.

Jesus fez milagres e nos afirmou que através de nossa fê poderíamos transportar montanhas. Mas advertiu a seus apóstolos, dizendo que eles não conseguiam realizar proezas devido a suas próprias incredulidades.

Os apóstolos acreditavam em milagres, pois eram testemunhas das ações do irmão Jesus, mas não acreditavam que eles próprios seriam capazes de fazer algo de tal magnitude, ou parecido. Ou seja, acreditavam ser possível realizar milagres,

mas não por eles. E Jesus os advertia afirmando o contrário, que pela fé eles também conseguiriam.

A falta de fé nas possibilidades do espírito já era pauta de Jesus.

Contudo, mesmo com suas advertências, considerações e orientações, transportar montanhas ou curar doenças ainda é encarado como milagre que apenas a Divindade é capaz de promover.

O grupo de fiéis ocidentais que não obteve bons resultados, foi devido à pouca fé. Pois esperou o resultado vir de algo externo a eles próprios, como acostumados a fazer durante suas encarnações. No entanto, uma pergunta se torna lícita: é verdade que não tiveram fé em si mesmos, aguardando a resposta exterior. Mas, nesse caso, lhes foi fraca a fé na divindade?

Era esperado que mantivessem o padrão de quando encarnados, ou seja, pedir a Deus e apenas aguardar a resposta. Mas os resultados indicaram fé vacilante. Explicamos que a falta de fé decorreu da espera de auxílio exterior, em contraposição ao grupo de ateus — estes acostumados a fazer por si mesmos. Mas o grupo de fiéis que esperaram o retorno da divindade não obtiveram bons resultados por falta de fé na própria divindade a qual realizaram suas preces?

O grupo de ateus teve fé neles próprios e obtiveram melhores conquistas. A fé em si mesmos foi suficiente para garantir avanços no objetivo. Será que o grupo de fiéis ocidentais não teve a mesma fé em Deus que os ateus tiveram em si mesmos? Ou será que o impactante foi a falta de confiança de que o processo de cura é possível e não necessariamente falta de fé em Deus?

Houve percentual significativo dos dois cenários para explicar os maus resultados, praticamente em equilíbrio, embora a falta de confiança no processo tenha sido maior que a falta de fé em Deus.

Significa dizer que o grupo de fiéis ocidentais não soube realizar a prece de maneira eficiente, não teve confiança de que seria possível alcançar o resultado e não teve fé em Deus suficiente para tanto.

Esmiuçando os resultados, foi possível perceber que o grupo de fiéis ocidentais demonstrou na espiritualidade comportamentos que mantinham enquanto encarnados: suas crenças eram baseadas em tradições sociais e familiares mantidas geração a geração, como um contrato, não necessariamente sendo algo que estampasse a fé que deveriam carregar.

Melhor dizendo, eram fiéis por conveniências ou imposições sociais e familiares, mantendo uma corrente, sem que afirmassem suas escolhas através

da livre experimentação. Apesar de seguirem todos os ritos, dogmas e liturgias, as ações eram vazias da essência do Senhor.

O terceiro motivo para que não conseguissem alcançar na prática um conceito bem estruturado em teoria, foi a falta de preparação. A cada sessão havia grupos de tamanhos variáveis, mas sempre com representações de cada continente ou preferência religiosa. Ao final, os resultados eram somados por afeições ou intersecções, como a religião que mantinham enquanto encarnados, ou a falta dela. Mas independente do grupo de estudos, todos os participantes eram reunidos sem distinção de afinidades e as instruções eram passadas, sempre pelo mesmo instrutor, que as lia com a mesma cadência e entonação.

Significa que todos sabiam o conceito do estudo, o objetivo e recebiam todas as informações ao mesmo tempo, passadas sempre pelo mesmo instrutor. Entretanto, as reações a esta introdução eram variadas.

Após a clara certificação de que todos haviam compreendido o objetivo e os conceitos, abria-se um espaço para que os participantes debatessem a respeito. Na realidade, o instrutor pedia licença, alegando que precisava se ausentar por alguns momentos. Mas este era um recurso para deixá-los sozinhos, a fim de que pudessem ser observados no momento seguinte a terem recebido as informações

iniciais. Esse momento primário tem potencial para revelar padrões que possam ser adotados por cada participante no decorrer do estudo, cujo efeito é maximizado por se perceberem sem a presença do instrutor. Tal estratégia se justifica para que as reações ao primeiro impacto possam ser medidas, pois são consideráveis fontes de informações para diversas análises posteriores. Ao final do estudo, era revelado a todos que a saída do instrutor era proposital e que foram observados durante sua ausência.

As reações iniciais foram reveladoras, assim como indicativas das condutas adotadas durante o estudo.

Em linhas gerais, o grupo de ateus buscava trocar informações entre si, na tentativa de angariar conhecimento que pudesse ajudar na execução da tarefa; o grupo de participantes ligados à África na encarnação anterior e que possuíam vínculo com religiões originais daquele continente, ritualizavam, ou em preces solitárias, ou em grupos, ou mesmo dançando e cantando, na tentativa de evocar auxílio às divindades de suas preferências; de maneira passiva, o grupo de ocidentais apenas aguardava o momento de executar suas preces.

Em cada sessão de estudos promovida, o grupo de ateus presente sempre apresentava o mesmo comportamento. Quase que imediatamente à saída do instrutor, os ateus se procuravam e promoviam



debates entre si sobre como poderiam alcançar bons resultados. Eles não enxergavam nenhuma forma de competição, seja entre eles ou mesmo de seu grupo de afinidade com os demais. De maneira que o compartilhamento de informações se tornava normal e praticamente obrigatório.

Amplamente notou-se que esse grupo crescia em total entendimento do exercício através do livre intercâmbio de seus conhecimentos. Tal prática era adotada de maneira natural sem que nenhum dos membros do grupo de ateus precisasse sugerir-lá. Isto indica que apoiar seus semelhantes constituía algo intrínseco e não uma imposição social, muito menos dogmática. Mas não somente isso, após o grupo conquistar valiosos entendimentos a respeito do que havia sido proposto, de maneira proativa, alguns de seus membros ofereciam tal avanço em conhecimento a quaisquer integrantes dos demais grupos, não importando para eles a religião que professassem durante a vida encarnada, uma vez que, não enxergavam nenhum estandarte religioso e o único interesse era compartilhar a informação na tentativa de possibilitar o melhor entendimento a todos.

A cada avanço em conhecimento, o grupo de ateus conseguia desdobrar os argumentos, fato que gerava ainda mais dúvidas e uma consequente busca por novos entendimentos acontecia. A cada ciclo composto de entendimento, argumentação, questionamentos, consequentes respostas e novos

entendimentos, o grupo evoluía na preparação ao exercício proposto.

Os espíritos ligados ao continente africano e às religiões originais envolvidas naquelas egrégoras, também se preparavam, contudo de maneira mais indireta ou inconsciente — sem ter a intenção de — em relação ao grupo de ateus. Pois, de fato, o resultado das ações que promoviam os tornavam melhor preparados ao exercício proposto. Mas a intenção consciente de tais indivíduos não era a preparação, eles apenas reagiam ao estímulo, buscando ritualizar, em uma tentativa de alcançar conforto e proteção dentro do que necessitariam realizar. A busca pelo auxílio de mecanismos de ritualização mostrou-se instintiva neste grupo. Mas, diferentemente dos ateus, os membros deste grupo não buscavam a unidade social. Foi possível verificar, desde integrantes agindo sozinhos até pequenos grupos formando-se. Cada grupo parecia defender uma ideologia ou evocar determinada espiritualidade. Para tanto, preces, danças, cantos e palavras — que pareciam encantadas a eles — eram utilizadas neste intuito.

Apesar de não haver unidade enquanto grupo, independente do método adotado, cada integrante avançava em confiança e determinação, o que lhes garantia melhores condições de realização do sugerido.

Importante ressaltar que todos os integrantes do grupo de africanos, agindo sozinhos em rituais próprios ou ritualizando em grupos, ao serem abordados por qualquer integrante do grupo dos ateus, que buscavam compartilhar informações, os recebiam com alegria e gratidão. Mas para que compartilhassem seus conhecimentos, os ateus precisavam também ritualizar, fosse cantando, batendo palmas ou em danças coletivas. Somente depois desta integração, a informação poderia ser dividida. Entretanto, mesmo com toda alegria, respeito e boa vontade com a iniciativa dos ateus, a informação recebida era absolutamente descartada, sem ser considerada em qualquer nível. Mas os agradecimentos formais eram feitos e o integrante do grupo de ateus que levou a informação, tinha plena convicção de que havia ajudado e que o conhecimento dividido seria utilizado.

Não se tratava de falsidade ou hipocrisia e, sim, respeito e agradecimento com o que o outro havia oferecido. Entretanto, não renunciariam às próprias convicções no processo. Apenas não externavam a quem lhes ofereceu auxílio que não utilizariam a informação, pois entendiam que divulgar este fato configuraria em falta de respeito com o próximo.

O grupo de indivíduos ligados às religiões ocidentais não demonstrava qualquer preocupação com o que teriam de fazer, portanto não buscavam preparação, seja trocando informações entre si, com os demais ou ritualizando de alguma forma.

Eles entendiam que deveriam entrar em prece e esta seria atendida caso Deus julgasse procedente, não sendo necessário qualquer tipo de movimento anterior, em suma, algum evento preparatório.

Em todos os casos, quando um integrante do grupo de ateus se aproximava com informações a compartilhar, os ocidentais apenas agradeciam, mas gentilmente informavam que não necessitavam do auxílio oferecido.

Notamos que em alguns casos, a arrogância e prepotência eram os motivadores de tal recusa; em outros, porém, não havia tal malícia, somente o claro entendimento de que nenhuma informação adicional era necessária para a realização de suas preces, dentro do exercício proposto.

O quarto motivo para não conseguirem realizar o que julgavam certo em teoria, foi a falta de abertura mental.

Basicamente, neste quesito, o grupo de ateus ouviu as orientações explicativas e as analisou criticamente, considerando todos os aspectos que pôde e teve tempo para tanto.

Os indivíduos ligados a religiões originais da África, escutaram as orientações e nelas confiaram com a mesma convicção de quando confiavam em um sacerdote de suas antigas crenças, enquanto

encarnados, pedindo apenas que suas entidades de preferência, lhes auxiliassem em entendimento.

Por outro lado, o grupo de indivíduos ligados a religiões ocidentais, ouviu as orientações e duvidou da possibilidade de realização do proposto. Mesmo tendo externado verbalmente que acreditavam que a cura começa na mente ou no pensamento, no íntimo, duvidavam ser possível. Isso se justifica pelo fato de entenderem que somente Deus é capaz de tal realização.

Essas verificações mais aprofundadas, inclusive sobre a realidade interior de cada participante, foi conseguida com o tempo do estudo, em conversas, análises e observações, não configurando, de forma alguma, em qualquer técnica invasiva de quebra de privacidade e confiança.

Portanto, de grupo em grupo, estudo a estudo, eram sempre inseridos indivíduos com estas predileções e disposições religiosas, de maneira a mesclar o conjunto geral.

Na totalidade, foi possível observar que havia membros dos grupos citados que não reagem como o restante, divergindo do padrão apresentado por seus pares. Todavia, o percentual representado por estes constituiu minoria, cujos números foram considerados, sem embargo, inexpressíveis para a compreensão total do estudo.

Isto indica que, em maioria, um indivíduo vinculado a uma crença enquanto encarnado ou à ausência dela, no caso dos ateus, tende a reagir de acordo com a coletividade, especialmente quando identifica pares no conjunto social ao qual foi inserido.

Isto exposto, entendemos que fiéis reagem de acordo com o esperado por seus pares, dentro de um núcleo separado em subgrupos por preferências religiosas. De maneira que as atividades revelaram um comportamento de tribo, através de dogmas e predileções.

Neste sentido, foi possível concluir que a exposição à coletividade induziu os indivíduos a serem fiéis a suas crenças, de maneira que as respostas individuais apresentadas foram muito próximas, considerando integrantes de um mesmo grupo.

Isto expõe que os dogmas religiosos influenciam diretamente na capacidade realizadora do homem, especialmente se o resultado esperado ultrapassar seus limites vigentes de entendimento e de suas capacidades cognitivas.

A partir desta conclusão, alguns participantes foram escolhidos para realização de uma segunda rodada de preces, visando novo objetivo. Desta vez, o pedido não foi por melhora no perispírito e, sim, para causar uma vibração a partir deste, no intuito

de vincular-se energeticamente a fluidos sensíveis presentes no ambiente.

Para ciência de todos, advertimos que o nível de dificuldade foi absolutamente igual ao do primeiro pedido, na rodada inicial, apesar de parecer que o segundo poderia ser um pedido mais difícil de ser realizado. Entretanto, esta informação não foi revelada aos participantes, de maneira a permitir que suas impressões os guiassem.

Nesta rodada, os estudos eram individuais, sem exposição aos demais e os resultados não foram divulgados. O objetivo dos instrutores era observar se os indivíduos manteriam as técnicas utilizadas inicialmente ou as substituiriam, pelo fato de não serem observados por seus pares e, além disso, terem a certeza do anonimato de seus resultados a estes. Ou seja, observamos se os indivíduos seriam fiéis a suas crenças ou as abandonariam em busca de melhores resultados. Obviamente, os resultados da primeira rodada foram revelados e todos aqueles que participaram da segunda, assim o fizeram cientes de suas conquistas anteriores.

Os indivíduos vinculados a religiões ocidentais com baixos resultados na primeira rodada, foram os que apresentaram maior curva de abandono a seus dogmas, na tentativa de substituição por técnicas distintas. Para estes, os resultados da segunda rodada mostraram-se parecidos e, em alguns casos, até menores que os da primeira.

Entretanto, os indivíduos ligados às religiões de matrizes africanas com baixo resultado, foram os que mais se mantiveram fiéis a suas crenças, não importando o resultado, que se mostrou parecido, apesar de alguns pontos percentuais acima da primeira rodada.

Os indivíduos ateus com baixo resultado na primeira rodada, mostraram equilíbrio na busca por técnicas distintas, uma vez que não estavam vinculados a dogmas e possuíam abertura mental suficiente para buscar caminhos diferentes. Estes mostraram melhor desempenho na segunda rodada.

Os indivíduos com bons resultados na primeira rodada, independente do posicionamento religioso, repetiram suas técnicas utilizadas anteriormente, reforçando suas convicções.

Nem sempre um resultado ruim na vida leva o homem a romper com sua fé. Entretanto, em alguns contextos e situações, isso pode ocorrer.

A sentença acima não é resultante de nosso estudo, mas poderia ser. Ela, no entanto, retrata uma realidade, não apenas uma percepção.

A incerteza em suas próprias crenças conduz ao desânimo e, este, à depressão. De maneira que o vazio existencial experimentado por aqueles que anteriormente baseavam-se em dogmas religiosos,



pode ser deveras agressivo e conduzir, inclusive, ao desencarne com graves consequências ao espírito.

Logo, envergar uma crença religiosa não deveria ser apenas carregar um estandarte, visto ser um ato vazio em significação. Ao passo que expressar a fé é um ato silencioso de confiança e perseverança no sentimento inerente de comunhão com Deus.

A religião não pode ser tratada como bandeira social para aprovação em grupos, apenas no intuito de agradar a uma sociedade. A religião precisa ser a satisfação do espírito ao se reencontrar com uma energia acolhedora, protetora e capaz de promover internamente sentimentos de autoestima, ânimo e realização através do amor e da caridade, além de respeito e dignidade. Aqueles que vivem sobre a Terra utilizando-se das religiões como selo de qualidade, não possuem as condições básicas para se curarem a partir da mente. Isso sim, nosso estudo provou. Porque, para tanto, é necessário confiança inabalável e tentativa sobre tentativa, sempre se pautando na certeza de que Deus, ou uma energia maior que nós, responderá.

Não se trata de ser ateu; não se trata de desconfiança em dogmas. Trata-se de postura moral e convicta sobre os valores adquiridos.

A religião é um caminho, mas a realização é ofício da fé.

De maneira que não é relevante por qual religião — ou nenhuma — o espírito irá movimentar-se na matéria. O essencial é ter firmeza de propósitos e confiança nos valores e nas ações.

Assim faziam os antigos praticantes da Terapi Surga, que ritualizavam, confiavam e tinham fé no processo. Onde a jornada pelos corpos sutis que compõem o ser era absolutamente ignorada, mas acontecia.

Agora que entendemos que a falta de fé, as falhas na prece, falta de preparo e de abertura mental são fatores diretamente impactantes no insucesso da cura a partir da mente, podemos entender melhor, sem preconceitos, como funcionavam os princípios de cura e regeneração para os antigos praticantes da Terapi Surga. A seguir, portanto, poderemos detalhar um pouco mais desta seara.

Como já vimos em capítulos anteriores, a ritualização era muito importante para a eficácia dos processos. Elementos como dança, cantos, bebidas alucinógenas, pinturas ditas rupestres, uso de adornos e, especialmente, a confiança, eram fundamentais para a realização dos rituais. Sem embargo, outro componente era significativamente importante: o solo sagrado.

O local de realização dos rituais poderia ser alterado dependendo das intenções. Isso porque a

egrégora do cenário também impactava na geração de energia através dos pensamentos dos praticantes. Portanto, eles eram separados inicialmente por intenção, sendo o local escolhido somente após tal etapa. Isto ocorria devido ao tipo de energia que desejavam evocar.

Aqueles que desejavam cura e regeneração eram levados para mais distante da tribo, na tentativa de eliminação de ruídos e distrações. Além disso, normalmente, o sacerdote considerado especialista em cura — tal termo não era utilizado —, também o mais ancião da tribo, mantinha seu santuário afastado.

Tal local era tido como sagrado pelo restante da tribo, portanto, estar ali para praticar o ritual garantia energia diferenciada, pois essa era a crença no “solo sagrado”.

Portanto, o local impactava e ainda impacta.

Digamos que um empresário iniciante deseje sucesso no mundo dos negócios. Certamente, realizar uma mentalização ou visualização em sua casa é algo importante. Mas realizar o mesmo processo dentro de uma feira de negócios, pode ser algo poderoso que amplifique a potência da energia gerada através do pensamento.

De mesma maneira, digamos que um jovem escritor deseje sucesso em seus livros e busque

reconhecimento por isso. Realizar a visualização em casa ou mesmo em uma praia ou mata, pode ser impactante, mas realizar o mesmo processo dentro de uma bial do livro pode ser um dínamo gerador de energia.

Entretanto, nem sempre uma associação tão clara entre intenção e local pode ser realizada. Sendo assim, o importante é achar um lugar de paz e que, principalmente, tenha contexto associativo para quem visualize, mesmo que seja por uma experiência pessoal. Nesse caso, pode ser ainda mais poderoso.

Não podemos perder de vista que apenas o pensamento é suficiente, como dissemos desde o início, quando afirmamos que os processos dos antigos rituais não são mais necessários atualmente. Mas, indubitavelmente, o local e outros elementos podem ajudar a maximizar a potência e a qualidade da energia gerada pelo pensamento. Isso porque as experiências sensoriais humanas geram emoções, que influenciam nos sentimentos, causando assim, liberações energéticas mais fortes e significativas.

Introduzido o local como importante elemento, voltemos ao estudo aqui brevemente apresentado para que façamos rápida análise.

A cura começa na mente, mas através da fé.

Ter fé na Divindade e nas capacidades curativas do universo é, talvez, o ato de maior relevância dentro do processo da Terapi Surga. Visto os participantes do estudo que eram vinculados a religiões ocidentais enquanto encarnados que não obtiveram melhores resultados por falta de fé.

É preciso acreditar que a cura começa na mente, entretanto, mais que acreditar, é preciso confiar ser possível. Aquele grupo dizia acreditar, mas como não confiava ser possível, de fato, não acreditava.

A fé não pode ser artigo decorativo em prateleiras sociais. Ela nem deve estar em vitrines, pois precisa ser íntima, cuidada em silêncio. Não significa que se deva esconder as preferências religiosas. Apenas que a sua fé, enquanto força interior, precisa ser mantida assim, resguardada do exterior, para que sua exposição não configure em atos de vaidade, orgulho ou prepotência. Visto que, em sigilo, sempre haverá verdade, inexistindo o perigo de enfeites que visem agradar grupos sociais.

Além da fé, a falha na prece foi um divisor importante entre aqueles que obtiveram melhores resultados, daqueles que parcamente evoluíram no intuito.

Os grupos que por mais tempo permaneceram em prece foram os que menos evoluíram. Isto se

deve ao fato de que a quantidade e diversidade de palavras não ajudaram no objetivo.

Obviamente, mais que lembrar das passagens bíblicas que nos alertam sobre “os hipócritas nas sinagogas”, necessário se faz citar as melhores práticas entre os antigos praticantes da Terapi Surga. Estes, por vezes, nada diziam enquanto realizavam seus pedidos durante os rituais. O silêncio fazia-se essencial, uma vez que as intenções pessoais não precisavam ser de domínio público. A força, portanto, não estava na multiplicidade das palavras e, sim, na intenção e no pensamento, mais forte que o próprio local.

Por mais que os adereços, os alucinógenos, os cantos e danças, além do cenário, ajudassem na concentração, sem a devida visualização através da mente, a energia liberada para a jornada pelos corpos sutis seria menor. Por isso as palavras não ajudam tanto quanto a orar em “nosso quarto”, em secreto, como Jesus nos orientou. Ou seja, através da mente, sem exposição aos demais, sem que a oração seja um espetáculo diante dos olhares de terceiros.

Portanto, de nada adianta ler este livro e apenas pensar uma vez que deseja a cura. Porque um dos princípios fundamentais para tanto é a fé serena aliada à confiança em Deus e no resultado.

Percebam, caros leitores, que em momento algum eu apresentei — e não apresentarei — qualquer tipo de fórmula ou receita para a prática de alguma espécie de ritual contemporâneo. Contudo, todas as condições necessárias estão descritas aqui, espalhadas através dos capítulos. E isto é intencional.

Nossa intenção é que o leitor transcorra todo o livro com atenção e entenda o que é necessário. Ao contrário, caso existisse alguma página com um passo a passo sobre como realizar uma ritualística, temíamos que os leitores apenas se ativessem a ela, ignorando todas as explicações. Isto porque, certamente, os resultados não aconteceriam. Porque é preciso entender. E esta é a terceira causa de insucesso que nosso estudo apontou: a falta de preparação.

Não se pode, portanto, apenas realizar a prece ou mentalização, sem entender suas causas e possíveis efeitos. Porque, dessa forma, não haverá confiança no processo, tampouco certeza de que a cura é possível. Ao contrário, existirá desconfiança, e esta, é fator decisivo de falha no desenvolvimento da jornada energética.

Ler o livro com atenção levará à identificação e entendimento dos princípios, de maneira que a preparação para a elaboração de ritualística própria estará concluída. Dar um passo a passo seria privar

o leitor da preparação, o que consistiria em enorme contrassenso.

Apenas pensar pode ser suficiente? Sim. Apenas pensar pode ser insuficiente? Sim. Isso depende de cada indivíduo, de cada mente. Depende de suas culturas pessoais e de suas crenças anteriores nas possibilidades do universo.

E, principalmente, depende do quanto cada um está disposto a acreditar. O quanto cada um terá de abertura mental, o quarto motivo de fracasso que nosso estudo demonstrou.

Se falamos de autocura, obviamente ela é própria. Portanto, cada um é responsável pela sua. Sem isso, seria Deus agindo sem que cada um não precisasse fazer sua parte. Nesse sentido, não precisaríamos de encarnações e evoluções, pois Deus faria tudo por nós.

“Vós sois deuses”. Sim, somos, assim como o irmão Jesus nos alertou. Significa que temos as condições, mas a disposição e vontade para fazer dependem de cada um.



## **O Poder da Consciência Coletiva Para o Indivíduo**

Consciência coletiva é um termo cunhado por nosso irmão Dr. Brill em seus trabalhos na pátria espiritual. Na coletânea “Transcendendo as Estrelas”, nosso estimado colega aborda o tema na mensagem intitulada “Evolução da Consciência Coletiva”. Recomendamos que tomem contato com ela. Sem embargo, poderemos seguir com o entendimento deste livro mesmo sem tal leitura.

Contudo, esta mensagem traz um pouco mais de luz sobre o assunto, tratado anteriormente em seu livro “Psicologia Junguiana sob o Olhar Espiritual Aprofundado”, quando Dr. Brill nos trouxe informações sobre o inconsciente coletivo astral e a libido espiritual.

Para discorrermos sobre o poder e a importância da consciência coletiva, necessitamos abordar tais conceitos, mesmo que muito superficialmente.

O conceito de inconsciente coletivo foi cunhado por Carl Gustav Jung durante seus trabalhos enquanto encarnado. Pobremamente falando, podemos imaginar uma antena, a qual todos possuímos, animando um corpo de carne ou não, que é capaz de buscar quaisquer informações da humanidade.

Evidentemente, tal antena possui capacidade muito além de nosso atual entendimento, podendo acessar vários níveis ou camadas de informação. (Tal detalhamento é tratado na já citada obra do Dr. Brill, 2014).

O conceito de inconsciente coletivo astral foi cunhado pelos doutores Freud, Jung e Brill durante estudos na espiritualidade, onde revisaram seus próprios trabalhos realizados em suas mais recentes encarnações.

Portanto, o conceito de inconsciente coletivo foi expandido, recebendo o sufixo astral. Tal conceito estende sua atuação para além de uma existência, abordando, por conseguinte, encarnações passadas do próprio indivíduo.

Em outros termos, a “antena” do inconsciente coletivo, que já tinha capacidade para captar todas as experiências da humanidade, agora também consegue captar todas as experiências do indivíduo, em todas suas encarnações. Certamente o universo sempre funcionou desta maneira, entretanto nossos estimados doutores apenas conceituaram forças que estudaram, a fim de melhorar nossa compreensão de fenômenos que nos envolvem.

Seguindo para além do conceito, podemos exemplificar dizendo que alguém que possui medo de cobras sem nunca ter tido contato com alguma, pode ter sua reação explicada pelo inconsciente

coletivo, quando captou o medo sentido por algum ancestral, o que provocou tal prevenção, mesmo sem existirem fatos de sua atual existência que corroborem com seu medo.

O que o inconsciente coletivo astral traz é a ampliação desta busca da “antena” para além das experiências de outros, abrangendo, portanto, as próprias experiências em outras encarnações. Ou seja, o medo de cobras pode não ter origem em algum ancestral, mas sim, em uma própria encarnação anterior.

Já a libido espiritual, pode ser conceituado como a vontade do homem em evoluir em sua busca por Deus.

O termo libido é comumente associado a questões sexuais, no entanto, inicialmente Freud tratou a libido como um impulso para a preservação da espécie humana.

*No entanto, Dr. Jung, ao analisar a questão da libido com maior isenção quanto ao sexo, entendeu que a mesma consiste em energia psíquica do homem, cuja ausência pode provocar inércia, depressão e até mesmo a morte do corpo físico, em situações extremas. (BRILL, 2014)*

O conceito de libido espiritual, portanto, se define por si só, sendo o desejo em prática de evoluir rumo a Deus.

Este breve resumo de tais conceitos serve como base introdutória para iniciarmos as explicações sobre a importância da consciência coletiva para o indivíduo.

Portanto, a consciência coletiva pode ser acessada conscientemente através da vontade em evoluir, a libido espiritual.

Em vários momentos neste livro, reforçamos a importância e o poder da fé no processo da Terapi Surga. A fé significa confiança. Mas também significa vontade e desejo de realização. Em termos psicanalíticos, com licença aos doutores referentes à questão, podemos dizer que essa fé, esse desejo de realização, seria a libido espiritual dos antigos praticantes da Terapi Surga sendo posta em ação.

Significa dizer que o indivíduo quer tanto algo a ponto de depositar uma confiança extrema em determinado processo. Com isso, a necessidade em se conquistar um objetivo se faz fundamental nos ritos. Como a necessidade de cura, por exemplo.

A necessidade aliada ao desejo e à confiança, são instrumentos internos de cada um. Alguns tem muito, outros quase nada. A libido espiritual engloba todos esses aspectos, definindo, portanto, uma linha de conduta dentro do processo da Terapi Surga. Nota-se, assim, que conceitos de psicologia cunhados por tão brilhantes e estudiosas mentes da contemporaneidade da Terra, podem explicar partes

de práticas tão antigas de civilizações do passado. Práticas estas, rudimentares, mas não no fundo e, sim, na forma.

As conclusões apontam para um elo perceptível entre conceitos primitivos e contemporâneos, em que ambos convergem na prática. Este é um dos motivos pelos quais passamos boa parte deste livro defendendo que os rituais dos antigos praticantes não são mais necessários para a obtenção de resultados satisfatórios, pois configuravam uma forma de manifestar rudimentarmente, o que princípios atuais podem explicar. De maneira que a aplicação de tais conceitos contemporâneos podem culminar nos mesmos resultados. Mas é preciso preparação e conhecimento. É preciso consciência no processo. E a busca consciente no universo por melhores resultados chama-se consciência coletiva.

O que os antigos praticantes da Terapi atribuíam a Surga, os indivíduos contemporâneos são capazes de explicar através do conhecimento do processo. Isso é ser consciente. É uma busca consciente no universo, mesmo através de próprias encarnações. Esse é um processo que a psicologia espiritual chama de consciência coletiva.

Visível e inegável, neste ponto, a importância da consciência coletiva dentro dos objetivos deste livro, que é proporcionar a capacitação na Terapi Surga contemporânea.

A busca consciente por melhores resultados, especialmente no que tange à saúde do corpo físico, como vimos, é um complexo trânsito energético pelos corpos sutis que compõem o ser.

No corpo etérico há associação energética com informações registradas no perispírito, portanto, de encarnações anteriores. Desta forma, aplicando o conceito de inconsciente coletivo astral, visto que este engloba tais informações pretéritas de vidas passadas.

No corpo causal algo semelhante ocorre. Mas a associação energética acontece com os dados das cargas energéticas anexas, ou bolhas energéticas. Também resultantes de encarnações passadas, as bolhas constituem, portanto, igualmente campo de ação para o conceito de inconsciente coletivo astral aplicar-se.

Iniciando a jornada de maneira horizontal, no corpo búdico verifica-se a aplicação do conceito de inconsciente coletivo astral, no entanto, igualmente o de consciência coletiva, pois a busca é feita em registros da humanidade, em termos de sabedoria e experiências.

Uma vez que a consciência coletiva é a vontade consciente do ser em execução e, para tanto, coleta informações nas experiências afins da humanidade, as associações realizadas no búdico colocam a aplicação deste conceito em prática.

Sendo assim, percebemos a consciência coletiva na aplicação da Terapi Surga. A vontade consciente em evoluir ou mudar um cenário desfavorável inicia no pensamento, gerando a energia primordial que fará a jornada pelos corpos sutis.

A manutenção de pensamentos afins, gerando, por conseguinte, novas energias em sintonia com a inicial, é conquistada através da libido espiritual. Significa que o fluxo energético nos corpos sutis será modificado aos poucos, de maneira a substituir as energias antigas pelas mais recentes, que estarão carregadas de interesses e pretensões afinadas com os pensamentos de melhora.

Lugares, pessoas, sentimentos, leituras, músicas, sons — sejam da natureza ou relacionados com o objetivo —, artefatos, ensaios ao que se pretende, entre outras situações, obviamente, potencializam o momento da geração dos pensamentos. Pois, como já vimos, as emoções sentidas neste momento podem aumentar consideravelmente sua potência.

Tudo isso é parte da consciência coletiva, do inconsciente coletivo astral e da libido espiritual. Portanto, tudo se encaixa e se conecta. Mas o único componente, verdadeiramente, capaz de realizar mudanças no corpo físico é o próprio indivíduo.

Seja em sua mente ou em outro lugar, seja a diferença na realização de sua própria existência.

## Considerações Finais

Entendemos que os ensinamentos deste livro possam ser taxados de antidoutrinários ou mesmo de equivocados. Todavia, nenhum outro móvel nos aguçou interesse além da caridade. De maneira que as possíveis palavras contrárias a esta obra são esperadas e até mesmo compreendidas. Entretanto, devemos advertir que a disposição em construir este projeto não corresponde com fins de ampliação da doutrina espírita — sequer há a pretensão em sermos amplamente ouvidos. Mas aqui estão as palavras que desejávamos transmitir, na maior integralidade possível das mensagens.

Esta obra, nada mais é que um alerta aos encarnados sobre realidades ainda desconhecidas. E, tenham certeza, ainda há milhares delas a serem absorvidas pelas consciências, nos mais diversos planos de existência.

Não queremos nós, sermos profetas e detentores das “verdades mais esclarecedoras e estarrecedoras possíveis”, mas sim, desejamos que, despertando a atenção para novas possibilidades, os encarnados possam compreender melhor suas capacidades em conquistar resultados em suas próprias vidas, que antes poderiam ser taxados como milagrosos. É certo que milagres existem, mas todos nós podemos nos proporcionar melhores condições em nossas existências, especialmente em relação às condições de saúde nos mais diversos corpos.



Quando trabalhamos em benefício do bem e da paz, não há melindres alheios suficientemente capazes de nos perturbar a ação. E esta é uma recomendação final àqueles que pretendem iniciar os processos da Terapi Surga contemporânea: Não permita se afetar por condições externas à sua vontade.

A vida vai lhe dizer que não há maneiras de conseguir; os históricos irão comprovar plausíveis inabilidades; as pessoas irão lhe dizer que não é possível; sua mente tentará dissuadir-lhe a mudar de rumo. Entretanto, somente você poderá manter-se firme nos propósitos, pensamentos e ações moldadoras de resultados positivos.

Mantenha-se firme, pois as ações e condições do passado estão gravadas no perispírito e em bolhas energéticas. Algum dia serão vencidas, mas o dia de começar a romper com os padrões para tanto, pode iniciar agora.

Que a paz e a Luz de nosso Pai e de nosso irmão, Mestre Jesus, possam vos acompanhar em suas caminhadas.

Com respeito,  
Irmão Ramatis

Rio de Janeiro, 15 de agosto de 2025

[www.mediumfabiobento.com.br](http://www.mediumfabiobento.com.br)